

AS VERDADEIRAS ALEGRIAS

*Ibi nostra fixa sint corda,
ubi vera sunt gaudia.*

*Os nossos corações permaneçam firmes
lá onde estão as verdadeiras alegrias*
(Da liturgia da Páscoa)

PÓRTICO

A borboleta azul

Vamos iniciar juntos, leitor, uma expedição à procura das verdadeiras alegrias. Todos as desejamos. Todos queremos ser felizes. Mas sabemos por experiência que não é fácil.

Lembro que, faz uns anos, passando uns dias de descanso numa chácara cercada de bosques, gostava de andar pelas trilhas do mato. Com frequência, aparecia uma grande borboleta azul, que fazia questão de voar na minha frente. Ondulava, mas não deixava de me preceder no caminho por um bom trecho. Quando, porém, esperava me aproximar um pouco mais dela, dava uma guinada e se escondia entre as árvores.

Não acha que muitas alegrias da nossa vida foram borboletas azuis? Por quê?

No caminho da vida, vamos encontrando indicadores que convidam: “Rumo à alegria”. Seguimos a direção da seta, mas na maioria das vezes o caminho termina num brejo, numas moitas cerradas de espinheiros ou num beco sem saída...

Cemitério de alegrias perdidas

Antigamente, nas cidades e povoados, era comum que os cemitérios estivessem anexos à igreja. Lá – num lugar sagrado e perto de Deus – enterravam os falecidos. Ainda hoje uma das igrejas barrocas mais bonitas de Minas, a de São Francisco de São João del-Rei, mantém o cemitério ao lado: nele foi sepultado o presidente Tancredo Neves.

Nós – que deveríamos ser templos do Espírito Santo – também temos, grudado, junto ao coração, o nosso “cemitério de alegrias mortas”. À beira das suas alamedas invisíveis, alinham-se os túmulos. Em cada um deles poderíamos ler uma inscrição:

- “Aqui jaz a frustração da minha vida profissional”
- “Aqui jaz a minha frustração familiar. Não soube construir uma família unida”
- “Aqui jaz o ideal de vida que não soube transmitir aos meus filhos”

— “Aqui jaz o bem-estar que perdi, com fracassos que fizeram cair o meu teor de vida.

— “Aqui jaz a saúde que já não tenho mais”

— “Aqui jaz a juventude que se foi”

— “Aqui jaz a estrela da fé, que eu mesmo apaguei”

— “Aqui jaz...”

Chega! Vamos sair dessas alamedas tristes, porque é preciso descobrir que a alegria é sempre possível, e que muitas das alegrias mortas podem e devem ressuscitar, redivivas ou transformadas em outras diversas, maiores do que elas.

A alegria é um sonho real

Sem alegria não se pode viver. Por isso, é preciso sonhar com a alegria, por maiores que tenham sido as nossas decepções. É o que vamos tentar fazer, com ajuda de Deus, na nossa expedição ao longo destas páginas.

Procuraremos olhar para Deus e, com a sua ajuda, introduzir-nos no nosso coração, para nele fazer um balanço sereno das alegrias frustradas e das alegrias permanentes. Ao fazer esse balanço, perguntemo-nos *por quê*. Pode ser que neste livro você encontre mais de uma resposta.

Ao mesmo tempo, leitor, tentaremos internar-nos bem no mundo de Deus, porque *Ele é a minha alegria* (Sl 43, 4). E, como só *Deus é luz* (1Jo 1, 5), é *na sua luz* que *veremos a luz* (cf. Sl 36, 10).

É por isso que tentaremos procurar a alegria de olhos postos em Deus. Já lhe adianto – mesmo que neste momento não acredite – que não obteremos as respostas que tanto desejamos se não nos animarmos a entrar com confiança nesse mundo da *Luz verdadeira* (Jo 1, 9), que é a fé fundida com o amor, pois é daí que brotam as fontes da verdadeira alegria.

Por isso, “prepare o seu coração”, como diz a canção popular, e comecemos a nossa expedição.

1 – A ALEGRIA NO POÇO

O poço úmido

“Onde estás, meu pobre coração?”, dizia um poeta triste.

A resposta certa, em muitos casos, deveria ser: “Estou no fundo de um poço”. “De que poço?”, perguntaríamos. E eis que uma voz com pretensões cultas responderia: “No poço do Leclecq”.

O que é esse enigma? Explico.

O belga Jacques Leclecq, num velho livro sobre o ano litúrgico, contava a parábola do homem que morava no fundo de um poço: pequeno, estreito, escuro e úmido. A lama e a umidade eram a sua inseparável companhia. Mas lá estava ele vivendo; melhor dizendo, lá estava vegetando.

Um dia sentiu vontade de olhar por cima do poço. Deu um pulinho, pôs as mãos na beirada, fez força, ergueu-se um pouco e viu o esplendor da terra: árvores, caminhos a perder de vista no horizonte, montanhas, relva ensolarada dos pastos, flores, pássaros... Após uns instantes de deslumbramento, o homem resmungou: – “Tudo isto é muito complicado”. E voltou a encolher-se no fundo do poço.

Você e eu não fomos nunca um homem ou uma mulher no poço? Eu diria que sim. Talvez você pergunte: “Como”? “Por quê”? Procuremos entrar, como dizíamos antes, nos fundos do nosso coração.

Os nossos poços

— *O poço do comodismo*. Lembro-me agora de um verso do poeta “maldito” Arthur Rimbaud, que diz «*par délicatesse j'ai perdu ma vie*» – por delicadeza, eu perdi a minha vida. Peço licença ao poeta morto para lhe alterar o verso e dizer: “Por preguiça, eu perdi a minha vida”.

É triste perder a vida por medo de complicá-la, por acomodação, por moleza. Por pensar, como o homem do poço: “Tudo isso é muito complicado”. E “tudo isso” é a grandeza, é o ideal, são as aspirações elevadas, os compromissos que valem a pena; é a generosidade do amor..., em suma, tudo o que poderia abrir-nos as portas da alegria. Mas nós renunciamos a esses ideais e somos como aquele de que fala o Salmo: *Caiu no buraco que ele mesmo fez (Sl 7, 16)*.

— *O poço do medo*. O coração egoísta e mesquinho tem pavor de abraçar a Verdade e o Bem, porque isso exige comprometer-se. Tem pavor de assumir uma Meta grande na vida, porque no fundo sabe que «nenhum ideal se torna realidade sem sacrifício» (*Caminho*, n. 175). Por isso, por medo do sacrifício, não tem a coragem de sair do “aconchego” mesquinho do poço.

O medo da Luz (da Verdade, da Bondade, do Amor) nos paralisa. Assim, as melhores possibilidades da vida vão ficando para trás. E, juntamente com elas, a alegria naufraga. Grande verdade encerra esta frase de Amyr Klink: «a forma mais terrível de

naufrágio é não partir»¹. É deixar-se estar, é nada arriscar. Entende-se que Santo Agostinho chamasse a essa atitude «o amor em fuga»... Foge para o nada.

— *Outros poços*. Não vou detalhar agora outros poços em que a alegria se afunda, porque disso, justamente, vai tratar boa parte dos capítulos deste livro. Desde já, porém, acho importante adiantar-lhe uma coisa, que explico a seguir.

O leitmotiv deste livro

Você já sabe – sobretudo se é amante da música – que *leitmotiv* é a repetição cadenciada de um determinado tema, ao longo de uma peça musical ou de uma obra literária.

Pois bem, o *leitmotiv* destas páginas, que irá reaparecendo uma e outra vez, é a *verdade cristã* sobre a alegria, que Santo Tomás de Aquino resume assim:

1ª) «A tristeza é um vício causado pelo desordenado amor de si mesmo (ou seja, pelo *egoísmo*), que não é um vício especial, mas a raiz de todos os vícios».

2ª) «A alegria não é uma virtude diferente do *amor*, mas um ato e efeito dele». Ambas as afirmações encontram-se na *Suma Teológica* (2-2, q. 28, a.4).

Dito ainda mais brevemente: A tristeza é um fruto do egoísmo, e a alegria é a irradiação do amor: daquele *amor* verdadeiro, que *vem de Deus* (1 Jo 4,7) e que *foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado* (Rm 5,5).

Tomara que, a você e a mim se nos gravem bem na alma, para nunca mais esquecê-las, a seguintes afirmações do apóstolo São João, que podem ser um diagnóstico e um curativo para as nossas crises de tristeza:

– *Deus é amor.*

– *Todo aquele que ama nasceu de Deus.*

– *Quem não ama permanece na morte* (1 Jo 3,14 e 4,7-8).

2- A ALEGRIA E OS ESPELHOS

Estamos entocados?

Vamos dar mais um passo na nossa expedição à procura das verdadeiras alegrias.

¹ *Paratii: entre dos Pólos*, p. 42

Faz já bastantes anos, assisti a um curta-metragem francês. Era a história breve de um egoísta fechado em si mesmo, que um dia descobriu o verdadeiro amor humano.

Quando isso lhe aconteceu, ele abriu a alma com palavras semelhantes a estas:

“Eu era um homem que vivia encafuado num quarto rodeado de espelhos. Por todos os lados, só via o reflexo de mim mesmo, do meu “eu”: nas pessoas, no trabalho, nos planos, nos projetos de vida... Só me procurava a mim. Apenas enxergava o que *eu* gostava, o que *eu* desejava, o que *me* interessava, o que *me* oferecia vantagens ou prazer. Pessoas e coisas não passavam de bens consumíveis. Caso não servissem, eu os descartava.

“Até que um dia descobri o amor. Alguém de uma bondade que nunca imaginei que pudesse existir. Foi algo de novo que eu, pobre egoísta, desconhecia. O meu pedestal tremeu, e pela primeira vez senti a necessidade de quebrar todos os meus espelhos e transformá-los em janelas para poder olhar para fora de mim, de transformá-los em portas que me permitissem sair do cativeiro e dizer à pessoa amada: – “Tudo o que é meu é teu. Só o quero para te dar e te fazer feliz?”.

Ao pronunciar esse “sim” ao amor – ao autêntico “querer bem” –, entrou-lhe na alma, pela vão dos espelhos quebrados, a alegria, e compreendeu o que Cristo ensinava: *há mais felicidade em dar do que em receber* (At 20,35).

Um “sim” e um “não” que decidem a vida

Começemos pelo “não”. Os que leem o Evangelho, conhecem o “jovem rico”. Esse moço estava cheio de inquietações espirituais. Soube de Jesus, empolgou-se e foi procurá-lo. *Veio correndo e, dobrando os joelhos diante dele, suplicou-lhe: “Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna”.*

Jesus respondeu-lhe em dois tempos.

— Primeiro, lembrou-lhe que uma condição essencial para estar com Deus é cumprir os mandamentos: *Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não cometerás fraudes, honra teu pai e tua mãe.*

O moço abriu os olhos, encantado, e disse: *“Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha adolescência”.*

— Segundo tempo. *Jesus, olhando para ele com muito amor, lhe disse: “Ainda te falta uma coisa. Vai, vende tudo o que possuis e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”.*

São Francisco de Assis meditou essas palavras, abriu o coração e viveu ao pé da letra o que Jesus sugeria. Após *dar tudo*, até a roupa do corpo, ficou inundado por uma das maiores alegrias que um coração humano pôde experimentar. Cantava, ria, louvava a Deus, amava e servia a todos ..., e arrastava muitos na sua aventura de jogral da alegria divina ... Justamente porque deu tudo, ele era capaz de amar tudo e de ensinar aos outros o mesmo amor. E, com o amor, a alegria.

Não aconteceu assim com o jovem rico. Ao escutar a chamada de Jesus, fechou a cara e *foi embora cheio e tristeza, pois possuía muitos bens (Mc 10,17-22)*. Não queria “dar” nem “dar-se”. Queria “obter” o Céu, mas sem se desgrudar do que era “seu”. E assim só lhe restou a tristeza, amarrada à bolsa fechada,.

Deus, a alguns – a muitos – pede que o sigam muito de perto, como os apóstolos: *Deixaram tudo e o seguiram (Lc 5,11)*.

A outros – à maioria – não pede exatamente isso. Mas a todos põe uma condição: *Se alguém quer vir após mim – o que é a mesma coisa que ir atrás do Amor, aqui e eternamente–, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Porque o que quiser guardar a sua vida a perderá... (Mt 16,24-25)*.

Entende o que é renunciar a si mesmo? É expulsar o egoísmo, não tolerar que ele governe as rédeas da nossa vida.

«O verdadeiro amor – dizia o Papa Francisco nas Filipinas – leva-nos a queimar a vida, mesmo com o risco de ficarmos com as mãos vazias. Pensemos em São Francisco: deixou tudo, morreu com as mãos vazias, mas com o coração cheio» (*Encontro com jovens*, Manila 18/1/2015).

Ab parábola de um poeta

Rabindranath Tagore é um poeta hindu, bengali, que ganhou o prêmio Nobel de literatura. Não era cristão, mas estava apaixonado pelo Evangelho de Jesus.

Uma das suas prosas poéticas, cheia de simbolismo, fala de um mendigo e da alegria de se dar.

«la eu pedindo de porta em porta pelo caminho da aldeia, quando a tua carruagem de ouro apareceu ao longe como um sonho magnífico. E eu perguntava-me, maravilhado, quem seria aquele rei de reis.

»As minhas esperanças voaram até o céu, e pensei que os meus maus dias tinham acabado. Fiquei aguardando esmolas espontâneas, tesouros derramados sobre o pó.

»A carruagem parou a meu lado. Olhaste-me e desceste sorrindo. Senti que por fim me tinha chegado a felicidade da vida. E eis que de repente estendeste-me a mão direita, dizendo: “Podes dar-me alguma coisa?”

»Ah! Que lembrança a da tua realeza! Pedir a um mendigo! Eu estava confuso, sem saber o que fazer. Depois, tirei devagar da minha sacola um grãozinho de trigo, e te dei.

»Mas, qual não foi a minha surpresa quando, ao esvaziar à noite a minha sacola no chão, encontrei um grãozinho de ouro na miséria do montão.

»Com que amargura chorei por não ter tido a coragem de dar tudo». (*Oferenda lírica*).

Vamos pensar um pouco

«A alegria é um bem cristão – dizia São Josemaria –. Só desaparece com a ofensa a Deus, porque o pecado é fruto do egoísmo e o egoísmo é causa da tristeza» (*É Cristo que passa*, n. 178).

Peço-lhe que medite nessas palavras. O pecado é sempre um “não”, um não a Deus, um “não” ao próximo, portanto, um “não” ao amor; e é um “sim” a nós mesmos.

Façamos um pouco de exame de consciência. Uns questionamentos que servem para todos:

— Se você só reza (ou vai à Missa) quando tem vontade, se recorre a Deus com insistência quando tem alguma aflição, mas não se lembra de lhe oferecer “essa” cruz que agora lhe custa, se se esquece de lhe dar graças pelas coisas boas com que Deus o abençoa, você está sem dúvida na prisão dos espelhos.

— Se você, todas as noites, faz um exame do dia que passou e, depois de pedir perdão a Deus por tê-lo amado tão pouco, pensa: “Que melhora na oração?” “Que empenho no trabalho?” “Que serviço ao próximo posso oferecer a Deus amanhã?” – você então quebrou um espelho e abriu uma janela.

— Se você nota que, quando está sozinho, a sua imaginação gira à volta de si mesmo, daquilo que deseja, do que o aborrece, dos motivos que tem de reclamação e de ressentimento, você é prisioneiro dos espelhos.

— Se você, porém, saindo da órbita do “eu”, pensa cada vez mais no que pode fazer de bom com as pessoas que encontrar, no que vai perguntar ou comentar lá em casa para desanuviar preocupações e aumentar a alegria, você já está jogando fora os cacos do espelho e saindo pela porta do amor, onde a alegria o aguarda.

— Se você só pensa no futuro em termos de realização, de sucesso, de alcançar mais do que os outros conseguem, de usufruir o que pretende conquistar, tome cuidado, que os espelhos estão apertando o cerco.

— Pelo contrário, se você sonha no seu futuro como um ideal, como uma sequência de passos construtivos que o levem a conseguir uma família unida e feliz, a fazer algum bem a todos os que de você se aproximem, a auxiliar os necessitados com iniciativas fecundas, então você, sem dúvida, já saboreou a alegria de passar pela porta do amor.

— Pense, enfim, olhando para trás, se ficou mais feliz praticando boas ações que lhe custaram muito, ou se ficou alegre – contente mesmo – dizendo “não” a coisas boas para não ter que sofrer.

3- A ALEGRIA E A ESTRELA

Uma imensa alegria

Você conhece, com certeza, a história dos Magos, narrada pelo evangelho de São Mateus (Mt 2,1-12). Pode ser até que em criança, nos dias de Natal, tenha colocado e movimentado, no presépio de sua casa, as figurinhas de barro dos três reis Magos, com seus pajens e camelos

A viagem dos Magos é um episódio que culmina numa das maiores alegrias de que fala a Bíblia. Chegados a Belém, *a estrela que tinham visto no Oriente ia à frente deles, até parar sobre a casa onde estava o Menino. Ao verem de novo a estrela, alegraram-se com uma alegria imensa, e muito.*

É admirável a simplicidade com que, após uma viagem muito longa e dura, os Magos chegam a Jerusalém dizendo, como a coisa mais natural do mundo: *Onde está o*

rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo (Mt 2,2).

Seguindo a mensagem da estrela, compreendida por eles como um chamado de Deus, enfrentaram desertos e rochedos, bosques fechados e perigos sem conta, incompreensões e canseira, mas não pararam até chegar a Jesus. Felizes por terem sido fiéis ao apelo da estrela, resumiram a sua aventura, com total singeleza, em duas palavras: “vimos” e “viemos”. *Vimos a sua estrela e viemos adorá-lo*. Pronto. Para eles era lógico, após verem a luz de Deus, segui-la até o final.

Assim, eles foram os primeiros pagãos a reconhecer o Salvador, a adorá-lo e a levar a boa nova de Cristo para as suas terras. A tradição diz que, graças a eles, quando alguns dos apóstolos e discípulos de Jesus foram em missão aos países de onde procediam, já havia lá almas preparadas para receberem a mensagem do Evangelho.

Todos temos a nossa estrela

Para os Magos aquela estrela foi uma chamada do Céu. Agora, para nós, é uma chamada à reflexão.

Deus, no íntimo da alma, diz-nos: “Por acaso você pensa que não tem estrela? Acha que eu não conto com você? Que não preparei nada para você? Pensa que há algum filho de Deus que não tenha uma vocação e uma missão a cumprir nesta terra? Ou será que você veio sem sentido nem finalidade a este mundo?...” É claro que não!

«Deus – dizia São Josemaria – aproximou-se dos homens, pobres criaturas, e disse-nos que nos ama... Nenhum homem é desprezado por Deus. Todos nós, seguindo a sua própria vocação – no seu lar, na sua profissão ou ofício, no cumprimento de suas obrigações... –, todos somos chamados a participar do reino dos céus» (*É Cristo que passa*, n. 44).

Para todos, Deus tem uma estrela – a nossa –, que um dia Ele nos ajuda a descobrir, para que nos indique o que Ele espera de nós. Essa estrela marca o rumo que dá sentido à nossa vida. Se soubermos acolhê-la com fé e boa vontade, perceberemos que sua luz se desdobra em três raios.

— **Primeiro: O raio luminoso da fé**, que abre os olhos a todas as outras luzes. Que nos diz a luz da fé? “Deus te ama. Deus quer contar contigo para irradiar o seu amor pelo mundo”.

Você se lembra do episódio do cego Bartimeu? Pedindo esmola às portas de Jericó, disseram-lhe que por ali estava passando Jesus, e cheio de esperança começou a gritar: *“Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!”*. Muitos o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava ainda mais alto: *“Filho de Davi, tem compaixão de mim!”*

Ouvindo os gritos, Jesus parou e disse: *“Chamai-o!”* Eles o chamaram dizendo: *“Coragem, levanta-te! Ele te chama!”* O cego jogou o manto fora, deu um pulo e se aproximou de Jesus. Este lhe perguntou: *“Que queres que eu te faça?”* O cego respondeu: *“Mestre, que eu veja”*. Jesus disse: *“Vai, a tua fé te salvou”*. No mesmo instante ele recuperou a vista e foi seguindo Jesus pelo caminho (Mc 10, 46-52). São Lucas acrescenta que seguiu Jesus feliz, *glorificando a Deus*, cantando a glória de Deus (Lc 18, 43).

Se ainda não descobriu a sua estrela, anime-se a gritar, como Bartimeu: *Jesus, que eu veja!* Não tenha medo da estrela (e assim não irá fazer companhia ao “homem do poço”)

Segundo: O raio de luz da vocação. Com a luz da fé, crendo e confiando no amor de Deus, poderemos descobrir a nossa “vocação”, o “por quê” eu estou neste mundo.

Todos temos vocação. A todos Deus nos chama com uma vocação de amor, cada qual com as suas características, mas com o denominador comum que São Paulo explica assim: *Sede imitadores de Deus como filhos muito amados, e progredi no amor, como Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós (Ef 5,1)*.

Para uns, a vocação é a chamada a santificar-se e a servir o próximo vivendo a vocação matrimonial; para outros, é uma vocação de entrega plena a serviço de Deus e dos irmãos; para outros, a dedicação idealista e generosa a uma boa causa humana. Para todos, é uma vocação de amor.

«A vocação – escrevia São Josemaria – acende uma luz que nos faz reconhecer o sentido da nossa existência. É convenceremo-nos, sob o resplendor da fé, do porquê da nossa realidade terrena» (*É Cristo que passa*, n. 45).

Com a luz da vocação, tendo já claro o sentido da vida, todas as *peças* – como as pedras de um mosaico – passam a ocupar o seu lugar: as alegrias e as tristezas, o passado e o presente, os sonhos, o trabalho, o amor, as dificuldades, tudo..., tudo se compreende e se harmoniza. Vê-se a mão de Deus que nos conduz, e que vai escrevendo conosco – se correspondemos – a aventura divina da nossa vida. Às vezes, Ele o faz de um modo

evidente; outras, escrevendo direito por linhas aparentemente tortas, que acabam formando um poema.

Terceiro: O raio de luz da nossa missão. Com as luzes da fé e da vocação, compreendemos a *missão* que Deus nos confia na terra. De modos e por caminhos diferentes, a todos nos diz: *Eu vos escolhi e vos designei para que vades, e deis fruto, e que o vosso fruto permaneça (Jo 15, 16).*

Assim, quando um casal cristão descobre que o seu casamento é uma *vocação divina*, e que o próprio Deus lhes confiou uma grande *missão* – a bela missão de fazer, de edificar uma família –, esse casal já enxergou a estrela. Em qualquer momento de crise, de dificuldade ou de cansaço, o coração lhes dirá: “Olha para a estrela. Ela te marca o caminho. Deus te chama. Sê fiel à tua estrela e serás feliz! Muitos – não só os teus filhos – dependem da tua fidelidade!”

A mesma coisa pode-se dizer de todas as outras vocações cristãs. São chamada, são missão, são expectativa de muito fruto e de imensas alegrias ... para os que são fiéis à sua estrela, haja o que houver.

Não troque a estrela pelos vagalumes

No romance “A elegância do ouriço” de Muriel Barbery, que deu um bom filme, a protagonista, uma menina precocemente desiludida pela experiência de uma família vazia, julga duramente os adultos. Ela os vê desorientados, atordoados após terem andado atrás de ambições que acabaram afundando-os numa “vida inútil” ... «As pessoas creem perseguir as estrelas e acabam presos como peixes vermelhos num aquário».

Com precoce cinismo, a menina escreve no seu diário que «aparentemente, de vez em quando os adultos têm tempo de sentar e contemplar o desastre que é a vida deles. Então se lamentam sem compreender e, como moscas que sempre batem na mesma vidraça, se agitam, sofrem, definham, e se interrogam sobre a engrenagem que os levou ali aonde não queriam ir» (p. 19). Na maior parte das vezes não acham resposta.

Que fizeram? O que muitos fazem e que Deus nos livre de fazer. Em vez de caminhar seguindo a estrela de Deus, com seus três grandes fulgores, foram atrás dos vagalumes do orgulho, do prazer, do sucesso, do dinheiro, do egoísmo, dos fogos fátuos que piscam no escuro do coração, ora aqui, ora acolá, sempre mutáveis e efêmeros. E

acabam deixando no oco da alma a tristeza da falta de sentido, a ausência de frutos que permitam dizer: “Obrigado, meu Deus, valeu a pena viver”.

Peço a Deus que você e eu e muitos outros, ao chegarmos ao final da viagem terrena, possamos fazer essa ação de graças: “Obrigado, meu Deus, valeu a pena”. E que, como os Magos, saboreemos aquela imensa alegria que lhes inundou o coração para sempre, após acharem o Menino em Belém.

4- A ALEGRIA E A LEI

O jardim encantado

O Livro dos Salmos é, na Bíblia, como um jardim encantado, onde florescem as preces e os sentimentos espirituais mais puros, e onde cintilam as luzes de Deus.

Prosseguindo a nossa expedição à procura das verdadeiras alegrias, penetremos nesse jardim, e ouçamos o que o salmista (o piedoso compositor dos salmos, sob a inspiração divina) canta em louvor da santa Lei de Deus.

Leia devagar e medite a seleção que reproduzo a seguir:

- O salmista anseia pela Lei de Deus:

— *Mostra-me, Senhor os teus caminhos, faz-me caminhar na tua verdade (Sl 25,4-5).*

— *Minha alma se consome desejando os teus mandamentos o tempo todo (Sl 119,20)*

— *Abre-me os olhos para contemplar as maravilhas da tua lei. Dá-me inteligência para que observe a tua lei e a guarde de todo coração (Sl 119, 18 e 34)*

- O salmista medita nos mandamentos de Deus e sente-se seguro e feliz:

— *Feliz o homem cujo prazer está na lei do Senhor, e medita em sua lei de dia e de noite (cf. Sl 1, 1-2).*

— *Os preceitos do Senhor são retos, alegram o coração; o mandamento do Senhor é claro, ilumina os olhos (Sl 19,9)*

— *Lâmpada para os meus passos é a tua palavra e luz no meu caminho. Jurei, e o confirmo, guardar as tuas justas normas (Sl 119, 105-106)*

● E só o pensamento de que há muitos que desconhecem ou desprezam a lei de Deus, lhe faz subir lágrimas aos olhos:

— *Não entendem, não querem entender; caminham no escuro (Sl 82, 5)*

— *Meus olhos derramam torrentes de lágrimas, por causa dos que não guardam a tua lei (Sl 119, 136).*

O salmista fala da lei de Deus com o enlevo de um enamorado. Você entende isso?

Talvez me diga: “Não entendo muito, não. Regular a vida pela *lei*, pelos *preceitos* religiosos e morais, me parece enfraquecer a liberdade, abafar a espontaneidade do coração. Eu preferiria que me falassem menos dos mandamentos e mais do amor”.

Compreendo. Mas deixe-me expor umas considerações, que podem ajudá-lo a perceber que justamente os mandamentos são a estrada do amor.

A estrada e suas sinalizações

Imagine uma moderna autoestrada. Bem traçada e protegida, pode ser percorrida em alta velocidade e com o mínimo risco. Para isso, tem muros de proteção, guard-rails, faixas bem pintadas, acostamentos amplos, e placas que sinalizam: umas indicam rumos (a tal cidade, a tal outra); outras, com a barra vermelha transversal, assinalam uma contramão e evitam que você se choque frontalmente com os veículos que vêm em sentido contrário; outras avisam de perigo (trecho em obras, curvas acentuadas, pista escorregadia) e sugerem moderar a velocidade.

Você diria que essas sinalizações, muretas, avisos, restrições de velocidade, etc, são um abafamento da liberdade dos motoristas que trafegam por lá? Só se estiver mal da cabeça. Liberdade para quê? Para despencar com o carro num precipício? Para estraçalhar o veículo e seus ocupantes em choque frontal com uma jamanta?

Você já percebe para onde aponta essa comparação. A estrada é o caminho da vida rumo a Deus e à felicidade eterna. As sinalizações, mesmo quando dizem “não” ou “proibido”, estão garantindo uma viagem segura, rápida, isenta de perigos, que permita chegar felizmente ao destino.

Qual é o destino?

Na nossa vida cristã, qual é o destino, a meta? A Vida com maiúscula!

Abra o Evangelho. Procure o capítulo 22 de São Mateus, e encontrará este diálogo. Um doutor da Lei de Moisés, com a intenção de pôr Jesus à prova, perguntou-lhe:

“Mestre, qual é o maior mandamento da Lei”. Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento”. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo lhe é semelhante: “Amarás teu próximo como a ti mesmo”. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos” (Mt 22,35-40).

O que Deus *manda* é amar. Como diz Bento XVI, «o amor pode ser mandado, porque primeiro nos foi dado» (Enc. *Deus caritas est*, n. 14). Deus nos amou primeiro, amou-nos até o fim, dando a vida por nós antes de que nós lhe déssemos nada (cf. *1 Jo* 4, 7-10). Para Deus, o amor é tudo. Para nós é a única realidade que pode dar sentido à vida e à morte. Como citávamos há pouco, *quem não ama permanece na morte (1 Jo 3, 13).*

Por isso, São Paulo afirma categoricamente que, por mais que façamos coisas difíceis e valiosas, se não temos amor, tudo fica vazio: *se não tivesse amor, eu nada seria; se não tivesse amor, de nada me aproveitaria (cf. 1 Cor 13, 1-3).*

Pensando nisso, entende-se o que diz São João Paulo II, na encíclica *O esplendor da Verdade*: “Deus, que é o *único bom* (cf. *Mt* 19, 17), conhece perfeitamente o que é bom para o homem, e, devido ao seu mesmo amor, o propõe nos mandamentos» (n. 35). Ele, que é o amor, nos ensina a amar indicando o caminho certo *por meio dos mandamentos*.

E a sinalização?

O amor, como a luz no prisma, decompõe-se em muitas cores. É isso, no fundo, o que Jesus lembrou àquele jovem rico, idealista meramente teórico, que já encontramos no segundo capítulo:

Chega correndo o moço, atira-se aos pés de Jesus, e pergunta: – *Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?*

– *Conheces os mandamentos* – responde Jesus –: *não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não cometerás fraudes, honra teu pai e tua mãe.*

Os diversos mandamentos da Lei de Deus, bem como os da Igreja, são o espectro da luz do amor. Por isso, Jesus dizia ao doutor da Lei: *Desses dois mandamentos* – do amor a Deus e ao próximo – *dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22, 40).* Todos e cada um dos dez mandamentos são os modos certos de garantir os dois maiores: o amor a Deus e ao próximo.

Talvez você pergunte: Como? Como pode ser amor um conjunto de proibições, uma série de negações: *não farás, não cometerás, não desejarás...*?

Pois é assim mesmo, porque esses “não” são tão positivos como a sinalização das boas estradas. Não cometerás erros ao volante, não te afastarás da pista..., porque assim estarás conseguindo – como dizíamos – a plena afirmação: uma boa viagem e um final feliz.

Não sei se reparou, mas cada proibição, quando bem entendida, é um “não” imprescindível para poder dizer um “sim” ao amor.

Se Deus nos proíbe que odiemos, é para que fiquemos liberados para um amor sem limites. Se Deus nos diz: “Não pecarás contra a castidade”, “Não cometerás adultério”, é para que, dizendo “não” ao sexo egoísta, possamos dizer “sim” ao amor grande e fiel, vivido com a alma e com o corpo, dentro do matrimônio santo, generoso e fecundo.

Isso nos convida a voltar ao *leitmotiv* destas páginas. Afirmávamos que a alegria é a irradiação do amor. Pois bem, todos os mandamentos – quando brotam como ramos vivos do tronco daqueles dois “primeiros” – são mesmo a estrada do amor.

Talvez agora possamos entender um pouco melhor aquelas palavras do Salmo 19, que citávamos no começo: *Os preceitos do Senhor são retos, alegram o coração.*

5-A ALEGRIA E AS LÁGRIMAS

A alegria do perdão

Feliz aquele cuja culpa foi cancelada e cujo pecado foi perdoado... (Sl 32, 1).

O filho pródigo, quando voltou à casa do pai, após anos de devassidão e desvarios, experimentou a verdade destas palavras do Salmo 32. Você seguramente se lembra de sua história, uma das mais belas parábolas de Cristo (Lc 15, 11-32).

O filho mais novo pede ao pai a herança adiantada, foge para longe, abusa de todos os prazeres, esbanja os bens recebidos e fica na mais abjeta miséria. Então, caindo em si, lembra-se da casa do pai, onde até os empregados têm pão com fartura. Diz então para si: *Vou voltar para meu pai e dizer-lhe: “Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados”.*

Envergonhado e apenas com um fio de esperança, volta à casa do Pai. Mas quando está chegando, um choque indescritível lhe abala o coração: *Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e, tomado de compaixão, correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos.* Não lhe deixa sequer pronunciar as palavras de arrependimento que havia preparado. Nem uma palavra de recriminação. Só alegria e festa: *Trazei depressa – diz o pai, com a voz cortada pela emoção – a melhor túnica para vestir meu filho; colocai-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei um novilho gordo e matai-o, para comermos e festejarmos; pois este meu filho estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado.*

Muitos comentaristas do Evangelho, entre eles Bento XVI, dizem que esta parábola, em vez de se chamar “a parábola do filho pródigo”, deveria chamar-se “a parábola do pai misericordioso”. Toda ela, deliciosa em seus detalhes, é a voz de Cristo falando-nos da alegria do perdão.

Alegria de quem?

Não custa muito pensar que, uma vez refeito da surpresa, o filho pródigo tenha começado a chorar lágrimas de sincero arrependimento e de gratidão. Soluços misturados com risos. Acabava de descobrir o que antes nunca percebera: a grandeza do amor de seu Pai.

O pródigo ficou alegre, mas a sua alegria não foi a principal. Deixa-nos surpresos perceber que Jesus afirma que, quando um pecador se arrepende, quem fica mais alegre é o próprio Deus.

Mencionávamos há pouco a alegria festiva do pai, que simboliza Deus. Antes desta parábola do filho pródigo, Cristo narrou outras duas parábolas, a da ovelha e a da moeda perdidas, também sobre o perdão de Deus, e as concluiu assim: *Eu vos digo: haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. Haverá alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte (Lc 15, 7 e 10).*

Uma das melhores meditações sobre o filho pródigo é a de Henri J. M. Nouwen, no precioso livro *A volta do filho pródigo* (Ed. Paulinas, 1997). «Pode parecer estranho – comenta o autor –, mas Deus deseja tanto me encontrar, ou mais, do que eu a Ele. Sim, Deus precisa de mim tanto quanto eu preciso dele... Não seria bom acrescentar a alegria de Deus, deixando que Ele me encontre, me carregue para casa e celebre com os anjos a minha volta? Não seria maravilhoso fazer Deus sorrir por lhe dar a chance de me encontrar e me amar perdidamente?» (p. 116).

Leia, por favor, o capítulo 15 do Evangelho de São Lucas. Devagarzinho, meditando, frase por frase. Vai descobrir, com a ajuda do Espírito Santo, que existe uma alegria enorme à sua espera, se você se decide a ser humilde e sincero para reconhecer como o pródigo: *Pai, pequei!* Se se decide a lhe pedir perdão de coração aberto, dispondo a sua alma para acolher uma alegria que nunca experimentou: a alegria que o próprio Deus, seu Pai, quer partilhar com você.

Se quer o testemunho de um sacerdote que já atingiu seis décadas após a sua ordenação e atendeu em confissão milhares de pessoas, creia que esse padre viu poucas alegrias tão grandes como as das pessoas que, depois de estarem muitos anos afastadas de Deus – *numa terra longínqua*, como diz a parábola do filho pródigo –, se levantaram após uma confissão bem preparada, contrita e bem feita, palpitando de gozo, com lágrimas de alegria.

E pensar que alguns acham a confissão desnecessária ou absurda!

Um novilho gordo e um cabrito

Na parábola do filho pródigo, há uma sombra. A reação do irmão mais velho, que ferve de inveja do irmão assim “mimado” e de indignação contra o pai. Emburrado, nega-se a participar da festa que o pai preparou. E quando este o anima carinhosamente a entrar, explode: *Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedecei a qualquer ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo!*

Esse irmão está triste. Pior do que isso, amargurado. Creio que tinha razão aquele que dizia que a nossa tristeza se pode medir pelo número das nossas reclamações.

Veja como reclama. Apresenta a sua folha de serviços – *há tantos anos que trabalho para ti* –, e cospe o fel do ressentimento por um fato sem transcendência: queria fazer uma festa com amigos, e o pai não gostou de que matasse um cabrito naquela ocasião. Que importância tem um churrasco frustrado ao lado de um irmão recuperado?

É bem antipática a figura do irmão incapaz de se alegrar com o resgate do caçula. O que ele demonstra? Que trabalhava, sim, que cumpria os deveres, que seguia o figurino, que obedecia. Mas tudo isso, para ele, era uma carga mal suportada, que o oprimia. Via seus dias com o ar resignado de quem tem que aguentar um peso, uma obrigação a que não pode fugir. Não fazia as coisas com amor. Por isso, não podia estar alegre.

Não é verdade que há muitos que se parecem com ele? São boa gente, cumpridores, corretos, tanto no lar como no trabalho. Mas são tristonhos e desagradáveis. Não é grato trabalhar nem conviver com eles. Fazem-me pensar naquele bispo que quando lhe falavam de um padre e lhe diziam que era muito bom, perguntava: “Bom, para quê?” Esses são “corretos”, mas não são bons para o mais importante, o primeiro mandamento, o mandamento do Amor, e os outros sofrem as consequências.

Um homem ou uma mulher que “cumprem”, que se julgam irrepreensíveis, mas que fazem tudo sem carinho, reclamando, remoendo invejas, são como uma granada de gás lacrimogêneo para os que vivem perto deles, e fazem pensar no retrato do túbio, que Jesus faz no Apocalipse: *Conheço a tua conduta. Não és frio, nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te da minha boca* (Ap 3, 15-16).

É duro pensar que a atitude do egoísta medíocre enoja Deus. Mas é tocante, ao mesmo tempo, comprovar a bondade de Cristo, que logo após sacudi-lo e abrir-lhe os olhos para seu erro, anima-o a *comprar um colírio para curar teus olhos, a fim de que vejas*, e, como o pai do pródigo, se adianta a perdoar: *Eis que estou à porta de teu coração e bato...* (cf. Ap 3, 17-20).

Tal como Cristo é o pai da parábola. Após a diatribe do filho mais velho, diz-lhe carinhosamente: *Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado.*

Se você for capaz de compreender a beleza do arrependimento e do perdão de Deus, encontrará uma secreta fonte de alegria.

6 - A ALEGRIA E O SOFRIMENTO

Paradoxos da alegria

São Josemaria Escrivá costumava dizer que «a alegria tem as raízes em forma de cruz» (*Forja*, n. 28); e na primeira página do seu calendário litúrgico, anotava muitas vezes, como lema do ano, estas palavras: *In laetitia, nulla dies sine cruce* (“com alegria, nenhum dia sem cruz”).

Parece um paradoxo difícil de entender, pois a cruz está associada aos dois “esses” que quase todos veem como os grandes inimigos da alegria: o *sofrimento* e o *sacrifício*.

Também são paradoxais as declarações de amor à Cruz que a Igreja faz na liturgia da Semana Santa: «Salve, ó Cruz, única esperança!» (hino das Vésperas dos dias da Semana Santa). E na Sexta-feira da Paixão : «Adoramos, Senhor, vosso madeiro... Por essa cruz, que hoje veneramos, veio a alegria para o mundo inteiro».

A Igreja contempla como olhos de apaixonado o amor inefável de Jesus, que entrega a vida por nós – por você e por mim – morrendo na Cruz: o máximo ato de *amor* que a história conhece; por isso, a Cruz foi, e será sempre, a suprema fonte da *alegria*.

Veja o que nos dizem os Apóstolos:

- São João: *Nisto sabemos o que é o amor: Jesus deu a vida por nós... (1 Jo 3, 16)*
- São Paulo: *Estou crucificado com Cristo..., e a vida que agora vivo na carne, eu a vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2, 19-20).*

Jesus na Cruz, com as mãos estendidas, é o “abraço amoroso de Deus”, que envolve, protege, salva e move o coração a amar com todas as forças: «Saber que me amas tanto, meu Deus, e não enlouqueci?!» (*Caminho*, n. 425).

O sofrimento cristão

Há dois olhares conjugados, capazes de compreender isso: o olhar da fé e o olhar do amor.

Penso que nos faria muito bem conhecer melhor a alegria dos cristãos que têm esse duplo olhar. Diante do sofrimento, não os vemos revoltados, raivosos, desanimados; nem tão pouco estoicos, rígidos, apenas resignados. Nós os vemos serenos e alegres: eles sofrem com paz, sem dramatismo; não se fecham em si mesmos com complexo de vítima, mas aumentam a compreensão e a ternura para com os outros; e amadurecem muito por dentro.

Como diz Jacques Philippe, «se nós o acolhemos na confiança e na paz, o sofrimento nos faz crescer, nos educa, nos purifica, nos ensina a amar de forma desinteressada, nos faz pobres, humildes, doces e compassivos para com o próximo»².

Em 26 de março de 1996, um comando terrorista islâmico invadiu o mosteiro trapista de Nossa Senhora do Atlas, na Argélia, e levou presos o abade e mais seis monges. Em 21 de maio foram decapitados.

² *A liberdade interior*, Ed. Shalom, p. 40

Poucos anos antes, o abade, padre Christian de Chergé, havia escrito um testamento espiritual, do qual agora reproduzo uns trechos: «Se algum dia me acontecer ser vítima do terrorismo, eu queria que a minha comunidade, a minha Igreja, a minha família, se lembrassem de que a minha vida estava entregue a Deus e a este país. Peço-lhes que rezem por mim.

»Como posso ser digno dessa oferenda? Eu desejaria, ao chegar esse momento da morte, ter um instante de lucidez tal, que me permitisse pedir o perdão de Deus e o dos meus irmãos os homens, e perdoar eu, ao mesmo tempo, de todo o coração, aos que me tiverem ferido.

»Se Deus o permitir, espero poder mergulhar o meu olhar no olhar do Pai, e contemplar assim, juntamente com Ele, os seus filhos do Islã tal como Ele os vê; que os possa ver iluminados pela glória de Cristo, fruto da sua Paixão, inundados pelo dom do Espírito... Por essa minha vida perdida, totalmente minha e totalmente deles, dou graças a Deus”³.

Sofrer e amar

O cristão que tem fé, sabe que é amado, que é um *filho muito amado* de Deus (cf. Ef 5,1). Com os olhos postos em Cristo na Cruz, entende que Deus não é um Ser longínquo que contempla fria ou indiferentemente, do alto do Céu, as dores dos homens.

Não! O nosso Deus é Cristo, é Jesus que compartilhou conosco aqui na terra todas as nossas dores, que quis conhecê-las todas, quis prová-las todas. Basta-me isso para ter alegria, na certeza de que Ele “sabe”, Ele me entende, Ele me ama e me acompanha com carinho. No sofrimento, Ele está mais perto de mim do que nunca, porque já passou por “isso” por amor de mim. Assim, no meu sofrimento, eu posso estar mais unido a Ele do que nunca.

Em setembro de 2002, faleceu em Roma o cardeal vietnamita François Xavier Nguyễn Van Thuân. Preso durante treze anos pelos comunistas, despojado de tudo, reduzido humanamente à miséria, dizia a si mesmo: «François, tu és ainda muito rico. Tens o amor de Cristo no teu coração»⁴.

Em 2007, na encíclica sobre a esperança, Bento XVI falava dele: «Sobre os seus treze anos de prisão, nove dos quais em isolamento, o inesquecível cardeal Nguyễn Van Thuân deixou-nos um livro precioso: *O caminho da esperança*. Durante treze anos de prisão, numa situação de desespero aparentemente total, a escuta de Deus, o poder falar-lhe, tornou-se para ele uma força crescente de esperança que, depois da sua libertação, lhe permitiu ser para os homens de todo o mundo uma testemunha da

³ Cf. *Otísimos cristão, hoje*, Quadrante 2008, pp. 41-43

⁴ F.X. Van Thuân, *Cinco pães e dois peixes*, ed. Santuário, p. 54

esperança, daquela grande esperança que não declina, nem mesmo nas noites de solidão» (Enc. *Spe salvi*, n. 32).

O sofrimento que purifica

O Amor de Deus no seio da Trindade, que é o Espírito Santo, foi simbolizado em Pentecostes pelo fogo que ilumina, acende e purifica. Por isso, os discípulos de Jesus, enlevados pelo mistério da Cruz, podiam dizer, como São Pedro, que os sofrimentos são a *prova a que é submetida a vossa fé, muito mais preciosa que o ouro perecível, o qual se prova pelo fogo (1 Pd 1, 7)*.

São Tiago falava de forma parecida: *Meus irmãos, considerai como suprema alegria as provações de toda ordem que vos assediam*, e explicava a seguir que, dessas provações, o cristão sai amadurecido, aperfeiçoado (cf. *Tg 1, 2-4*).

Três meses antes de falecer, São Josemaria fazia oração diante do sacrário, lançando um olhar retrospectivo à sua vida, e dizia: «Um olhar para trás... Um panorama imenso: tantas dores, tantas alegrias. E agora, tudo alegrias, tudo alegrias. Porque temos a experiência de que a dor é o martelar do Artista, que quer fazer de cada um, dessa massa informe que nós somos, um crucifixo, o *outro Cristo* que temos de ser»⁵.

O sofrimento que alarga o coração

Voltemos ao cardeal Van Thuân, uma alma a quem o sofrimento injusto não encolheu, mas dilatou: «Para fazer resplandecer o amor que vem de Deus – afirmava – devemos amar a todos, sem excluir ninguém». Fiel a essa convicção, deu-se de tal modo a ajudar, ensinar e animar seus carcereiros, que um dos guardas lhe perguntou:

– O senhor nos ama verdadeiramente?

– Sim, eu os amo sinceramente.

– Mas nós o tivemos preso durante tantos anos, sem julgá-lo, sem condená-lo, e o senhor nos ama? É impossível, isso não é verdade!

– Estive muitos anos com vocês. Você viu que isso é verdade.

– Quando for libertado, não vai mandar os seus fiéis incendiar as nossas casas e matar as nossas famílias?

– Não. Mesmo que você queira matar-me, eu o amo.

⁵ Salvador Bernal, *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Quadrante 1978, p. 416

– Mas, por quê?

– Porque Jesus me ensinou a amar a todos, mesmo aos inimigos. Se eu não o fizer, não sou digno de ser chamado cristão.

– É muito bonito, mas difícil de compreender...⁶.

Passemos agora a uma menina. Montserrat Grases, ainda estudante de secundário, descobriu a sua vocação ao Opus Dei, e se entregou a Deus com alegria. Pouco depois, foi-lhe diagnosticado um sarcoma incurável numa perna, e veio a falecer após um longo itinerário de sofrimento aceito com fé e muita paz.

Um seu irmão, que depois foi ordenado sacerdote, deu o seguinte depoimento:

«A sua Cruz foi muito dolorosa. Às vezes comentam-me, quando a recordam tão alegre e tão feliz, que ela sentia até gosto no meio da dor... Não, isso não é verdade. Falar assim poderia soar a masoquismo, porque aquilo não era uma dor convertida em gosto; era uma dor convertida em amor, e em luta para poder continuar a ser fiel a si mesma, a nós e a Deus, mas continuava a ser uma dor que a dilacerava, que a desfazia.

»Sofreu – eu o vi – tremendamente: mas era uma luta enamorada, no meio da dor, para encontrar Cristo Crucificado. Em meio a essa dor, junto de Cristo, nunca estive só. Se Deus está ao meu lado – pensou – e me pede isto, será porque é possível; e se Ele o quer, Ele me ajudará... Montse, graças à dor, deu-nos o melhor de si mesma»⁷.

Esta é a maravilha da fé cristã impregnada de amor: leva-nos a manter a alegria no meio da dor, e nos capacita para dar aos outros o melhor de nós mesmos.

7-A ALEGRIA E O SACRIFÍCIO

Um amor chamado sacrifício

Vamos completar aqui o capítulo anterior, meditando um pouco sobre um ingrediente essencial do *amor que dá e que se dá*: o sacrifício. Naturalmente estou falando do sacrifício voluntário, que vai unido a um ideal de vida abnegada e generosa.

O modelo, neste ponto como em todas as outras coisas, é Cristo. Você se lembra da parábola do Bom Pastor, que é um autorretrato do Senhor? Ele faz alusão à sua

⁶ *Cinco pães e dois peixes* cit., pp. 54-55

⁷ J. M. Cejas, *Montse Grases. La alegría de la entrega*, Rialp 1993

próxima morte na Cruz e diz: *Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas... Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade (Jo 10, 11 e 18).*

Cristo veio para isto: para *amar até ao extremo* (cf. Jo 13, 1), para *servir e dar a vida para a redenção de muitos* (Mt 20, 28).

Sacrifício. Acha que todas as formas de sacrifício são positivas? Não. O sacrifício pode ser bom ou mau. Tudo depende do *por quê* e *para quê* nos sacrificamos.

Podemos sacrificar-nos por mera necessidade (p. ex., o sacrifício inevitável, suportado apenas para manter um emprego), ou por ambição (de dinheiro, de prestígio, de cargos), ou ainda por vaidade (beleza física, procura do aplauso), e até mesmo por prazer (um esporte radical).

Nenhum desses é aquele sacrifício de que Jesus fala quando diz: *Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser guardar a sua vida, a perderá; e quem perder sua vida por causa de mim, a encontrará (Mt 16, 24-25).*

O ideal que Jesus nos propõe é o da abnegação amorosa, ou seja, do sacrifício abraçado para «ir atrás do Amor» (*Caminho* n. 790).

Abnegação alegre

Vamos ver o que diz o dicionário sobre a “abnegação”: «Ato caracterizado pelo desprendimento e altruísmo, feito em benefício de uma pessoa, superando as tendências egoístas».

Provavelmente você se recorda de que Jesus comparava a abnegação à “morte” do grão de trigo: *Se não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem não faz conta da sua vida nesta terra, vai guardá-la para a vida eterna. Se alguém quer me servir, siga-me (Jo 12, 24-26).*

Há pessoas que nunca souberam sacrificar-se para o bem dos outros (deram talvez algumas ajudazinhas, só para anestesiar a consciência); e, quando chegaram ao fim da vida, por doença ou por velhice, olharam para trás e sentiram a tristeza do seu vazio: “Agora já é tarde, não dá mais”. Teria sido tão bom semear sacrifícios com abnegação para colher espigas de alegria e amor! Nos que vivemos dominados pelo egoísmo, cumpre-se o ditado italiano que é citado nos *Fioretti* de São Francisco: «Chi non dà quello che li duole, non riceve quello que vuole – quem não dá o que lhe dói, não recebe o que quer».

Será que ainda não nos convencemos de que o egoísmo (tanto apego ao “eu, eu, eu!”) enforca a alegria? O pior é que achamos que ser egoísta é uma maneira esperta de aproveitar a vida, muito útil no mundo de hoje.

O nosso problema consiste em que nos falta – muito ou pouco – aquela loucura de que falava São Paulo: *Cristo crucificado é escândalo e loucura...; mas o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens* (1 Cor 1, 23.25).

E maio de 1974, São Josemaria Escrivá estava em São Paulo. Numa reunião com estudantes, um rapaz lhe perguntou por que, como e quando, em tempos idos, lhe tinham chamado de “louco”. O santo respondeu:

– Você nunca viu um louco?

– Não, Padre.

– Não? Nunca viu ninguém que esteja louco?... Então, olhe para mim. Faz muitos anos diziam de mim: Está louco! Tinham razão. Eu nunca disse que não estivesse louco. Estou *louquinho perdido* de amor a Deus! E desejo a você a mesma *doença*...⁸

Os aproveitadores da vida, os “sabidos”, são calculistas. Pouparam-se. Evitam sacrifícios, que julgam sempre inutilidades, exageros ou “loucuras”. Com a calculadora assim ligada, jamais conseguirão encontrar o verdadeiro amor.

Corações generosos

Há outros que, pelo contrário, foram generosos, não optaram – voltemos ao dicionário–, por «defender-se, acautelar-se, proteger-se» dos sacrifícios.

Por exemplo, o Servo de Deus Dr. Eduardo Ortiz de Landázuri, médico e professor universitário de grande prestígio, que fundou com outros colegas a Faculdade de medicina da Universidade de Navarra. Hoje está em andamento o seu processo de Beatificação.

Quando já sabia do câncer que o aproximava do fim, foi entrevistado por um jornalista. A entrevista é longa e tocante. Transcrevo a seguir só alguns trechos:

O repórter escreve que o Dr. Eduardo, ao longo dos seus cinquenta anos de exercício da medicina, «espremeu sua vida, atendendo a uns quinhentos mil doentes para os quais não tinha limite de horários. “Às três da madrugada – dizia-me ele – pode-se

⁸ F.Faus, *São Josemaria Escrivá no Brasil*, 1ª ed., Quadrante, São Paulo 2007, p. 25

salvar uma vida que, se deixarmos para atendê-la às nove horas, só poderemos exarar um atestado de óbito”».

O professor conta o seu encontro com o Opus Dei, em 1952, e a sua conversão juntamente com a da esposa. Faz balanço da vida e conclui com simplicidade: «Tentei passar pela vida fazendo todo o bem que pude. Tentei, digo, mas não quero que me digam que consegui, porque me assusta a possível vaidade. Quero ir para o céu e lá não há lugar para os vaidosos»⁹.

Foi um homem bom, um bom cristão, que se esforçou por viver o que pregava São Josemaria Escrivá, que para ele era um pai espiritual muito venerado: Quando vivemos em união com Deus, «o nosso coração se dilata e revestimo-nos de entranhas de misericórdia. Doem-nos, então, os sofrimentos, as misérias, os erros, a solidão, a angústia, a dor dos outros homens, nossos irmãos. E sentimos a urgência de ajudá-los em suas necessidades e de lhes falar de Deus, para que saibam tratá-lo como filhos e possam conhecer as delicadezas maternais de Maria» (*É Cristo que passa*, n. 146).

Com isso, evidentemente, a vida se “complica”. Mas essa doação sacrificada nos torna capazes de superar a rotina triste para sairmos à procura do bem dos outros. O sacrifício, então, torna-se o bater feliz do coração generoso.

O perfume do incenso

«O amor – diz São Josemaria – traz consigo a alegria, mas é uma alegria com as raízes em forma de cruz... Uma dor que é fonte de íntima alegria, porque supõe vencer o egoísmo e tomar o amor como regra de todas e cada uma de nossas ações» (*É Cristo que passa*, n. 43).

Das cinzas do egoísmo que se vai queimando, sobe até Deus um perfume de incenso, uma oferenda que Ele acolhe e retribui com as suas bênçãos e a bem-aventurança terrena e eterna.

Veja o que conta o autor de uma breve biografia da Madre Teresa de Calcutá: «Nenhum hospital aceitaria as escórias humanas que ela aceita e acolhe com alegria sincera na sua casa, a dois passos do templo da deusa Káli, em Calcutá. E com que nome pensa você que uma ex-leprosa de Benares se tornou religiosa professa entre as Missionárias da Madre Teresa? Com o nome de Irmã Alegria. É toda uma radiografia desse espírito de felicidade no sacrifício».

⁹ Luis Ignacio Seco, *La herencia de Mons. Escrivá de Balaguer*. Ed. Palabra, Madrid 1986, pp. 98-109

«Nós nascemos – declarava a Madre Teresa – para amar e ser amados, e isso é muito mais forte do que tudo o que destrói o poder de amar». «Uma noite – contava –, alguém me disse: “A senhora não fala nunca das dificuldades que encontra na sua tarefa diária”. E a minha resposta foi que eu não tinha nem tenho necessidade de falar das dificuldades e obstáculos que se apresentam – claro que se apresentam! – no nosso trabalho diário, porque todos sabem que isso acontece e que é normal que seja assim... O importante é dar a própria vida, sabendo que morrer não é senão ir para casa, voltar para casa, onde nos espera o Pai, com Jesus, com o Espírito Santo e com a Santíssima Virgem»¹⁰

Tomara que esses belíssimos exemplos nos movam a acreditar – e a apostar! – no que escreve São Paulo: *Deus ama a quem dá com alegria* (2 Cor 9, 7)?

8.- A ALEGRIA E O PRAZER

“Parábola” da estrada, o ídolo e o fogo

Na estrada da vida, muitas vezes encontramos sinais que nos convidam, como uma grande seta luminosa: “Ao prazer”, “À felicidade”.

Muitos enveredam por essas bifurcações. Chegam assim a uma clareira de gramado fino esmaltado de flores, no meio da qual se ergue um pedestal em forma de altar. Em cima dele, há um ídolo dourado que nos sorri. Letras de bronze o nomeiam: “O deus-prazer”.

Quando dele nos aproximamos, uma voz esotérica nos informa de que, para obter os favores desse deus sorridente devemos oferecer-lhe sacrifícios, à semelhança dos povos antigos. Para isso, ao pé do altar há uma pequena fossa escavada de onde saem chamas dançantes.

A voz meiga sussurra: “Atira na fogueira o que os tolos chamam de amor!” Obedecemos, ansiosos pelos favores do prazer. Imperceptivelmente, pouco a pouco, a fogo lento, o amor vai se volatilizando em cinzas.

“Agora – voltamos a ouvir a doce voz –, sim, eu te guiarei para a liberdade e serás feliz. O Prazer será a estrela que te guie em todos os teus passos, será a meta das tuas procuras, o objeto dos teus anseios, o sentido da tua vida.”

Asas ou grilhões?

¹⁰ Miguel Ángel Velasco, *Madre Teresa de Calcutá*, Quadrante 1996, pp. 34 e 54

Há muitas pessoas que, desde a adolescência, cultuaram o prazer como seu único deus e senhor, livres de incômodas barreiras moralistas. Foram incentivados a isso por adultos tortos, pregadores de falsos psicologismos, antropologismos, pedagogismos, panssexualismos, liberdades, e outros marketings sedutores, num clima de aparente seriedade cultural, científica, midiática, televisiva, etc.

Sentiam-se “livres” sem as amarras da moral (“é proibido proibir”), das convenções sociais, das imposições e deveres chatos, das renúncias e das fidelidades obsoletas que só prendem e traumatizam.

Passou-se um tempo – não muito, em geral – e acabaram se encontrando (mesmo que quase nunca o reconheçam) transformados em escravos do ídolo dourado, que agora sorri com a boca torta. Amarrados de tal maneira que já não se podem livrar dele.

Tudo o que era estrada aberta para a felicidade, foi-se enevoando de desilusão, porque a seta convidativa do deus-prazer conduziu-os, inexoravelmente, para becos sem saída. É lógico. O prazer é insaciável. Sempre pede mais. Empurra para novas experiências, pede mais dose (de sexo, de álcool, de drogas, de frenesi dançante), e o acúmulo desses êxtases voláteis torna-se corrente de aço com que o ídolo escraviza.

Já não conseguem mudar, não têm mais forças. Tentam em vão quebrar às cabeçadas os muros do cárcere em que seu deus os trancou. Mas tudo neles – mente, coração e vontade – está doente. Os sentimentos, os valores, a capacidade de amar viraram pó na fogueira do ídolo. Alucinados, descobrem que os seus vícios (este é o nome exato), agora são armas letais que lhes ameaçam o coração, e destroem os pulmões, o fígado, o sangue ..., após destruírem a consciência.

Como diz o filósofo Julián Marías, a droga, especialmente, troca a esperança de felicidade «pela certeza de um sofrimento atroz, a destruição da personalidade e diversos danos irreversíveis. O decisivo é o mecanismo de dependência, que anula a liberdade e causa um sofrimento incomparável»¹¹.

— Só Deus – com maiúscula –, e o amor sacrificado pelos outros (o tipo de amor que eles eliminaram) podem, a grande custo, ajudá-los a se libertarem.

Na sua autobiografia, o escritor britânico C. S. Lewis conta que, antes da conversão, procurava e obtinha mesmo o prazer. Mas isso o deixava insatisfeito, «era como um cão de caça que perdeu o rastro [...] Ao terminar de construir um templo para o

¹¹ *A felicidade humana*, Liv. Duas Cidades, São Paulo 1989, pp. 203-204

prazer, descobri que o deus do prazer tinha ido embora». Comprovou que o prazer é fugaz e só o amor que se entrega dá a felicidade duradoura¹².

Um contraste

Dominique Lapière, outro escritor, conheceu e acompanhou de perto o trabalho da Madre Teresa de Calcutá. Num dos seus relatos, descreve os últimos dias de Josef, um doente de *aids* que, após várias experiências de vida, veio a ser recolhido pelas irmãs da Madre Teresa.

Prostrado no leito, ficou maravilhado pelo brilho de felicidade que viu nos olhos da Irmã Ananda, uma humilde indiana, filha espiritual da Madre Teresa, que cuidava dele. Fulgurava naqueles olhos um alegria constante. E era fácil intuir que vinha do amor de um coração simples e abnegado.

Já agonizante, Josef conseguiu dizer à Irmã: «Vocês estão muito além do Amor!». Essa frase foi escolhida por Lapière como título de um livro¹³.

Aquele rapaz que procurou o prazer na vida, veio encontrar à beira da morte uma faísca de alegria na alma feliz de uma moça pobre que, para se dar plenamente a Deus e aos irmãos, tinha renunciado a tudo o que homens e mulheres, deslumbrados pelo ídolo, consideram imprescindível neste mundo.

Tinha razão São Josemaria Escrivá quando respondia a uma jornalista: «O que verdadeiramente torna uma pessoa infeliz – e até uma sociedade inteira – é a busca ansiosa de bem-estar»¹⁴.

Pensamento que se conjuga plenamente com estas palavras de uma carta da Bem-aventurada Isabel da Trindade: «O segredo da paz e da felicidade consiste em “desocupar-nos” de nós mesmos» (24 de novembro de 1904).

Dor, alegria e prazer

Jesus lembrava aos apóstolos, na Última Ceia, que há dores que nos levam à alegria. Falando do mistério da sua próxima paixão e ressurreição, dizia-lhes: *Ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. A mulher, quando vai dar à luz, fica angustiada, porque chegou a sua hora. Mas depois que a criança nasceu, já não se lembra mais das dores pela alegria de ter vindo um homem ao mundo (Jo 16, 20-21).*

¹² Cf. C. S. Lewis, *Surpreendido pela alegria*, Ed. MC, São Paulo 1998

¹³ *Muito além do amor*, Ed. Salamandra, São Paulo 1992.

¹⁴ *Questões atuais do Cristianismo*, 3ª ed. Quadrante, São Paulo 1986, p. 150

O exemplo é muito expressivo do que já comentamos acima sobre a alegria que procede do sacrifício e do sofrimento abraçados com fé. Cristo escolheu o exemplo perfeito, pois a mãe sofre e se alegra única e exclusivamente por amor.

A verdadeira “seta” que indica, sem enganos, o caminho da felicidade é a que nos orienta a “desocupar-nos” de nós mesmos, a esquecer-nos da “ânsia de bem-estar”, e a “sacrificar”, no altar do Deus vivo e santo, as obsessões do nosso egoísmo.

— E o prazer? É mau? Não. Andam erradas as pessoas que pensam, com pouco critério, que só tem mérito o que envolve sacrifício. “Mais sacrifício – acham –, mais santidade”. Não. “Mais amor, mais santidade!” Este é o critério certo.

É verdade, naturalmente, que muitas vezes só haverá mais amor se houver um sacrifício mais generoso.

Mas outras vezes poderá haver muito amor unido a um prazer agradável, como a alegria do amor conjugal, do convívio familiar, da contemplação da natureza e da arte, da partilha com amigos das alegrias esportivas, culturais, científicas e até culinárias. Lembre-se de que São Paulo, que fazia jejuns, também dizia: *Quer comais, quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus (1 Cor 10, 31)*. E a seu discípulo Timóteo: *Não bebas mais somente água; toma também um pouco de vinho por causa do teu estômago e das tuas fraquezas frequentes (1 Tm 5,23)*.

São momentos muito agradáveis e felizes, que Deus abençoa. Se vividos com moderação, ordem e caridade, dão-nos uma alegria que não trocaríamos por nenhum prazer egoísta.

Pense que o prazer está no lugar querido por Deus quando reúne estas duas qualidades:

— Primeiro. Quando é um coadjuvante dos atos e serviços de amor, de virtude, da perfeição dos deveres... Colaborador, não dono e tirano que nos tira dos eixos. Porque o prazer não é um *fim* a ser procurado por cima de tudo – como fazem os adoradores do ídolo dourado –, mas um *meio* útil e bom para a prática do bem. Não empurra os outros para fora do ninho, como o chupim, mas compartilha o calor do ninho com todos.

— Segundo. Quando o prazer é vivido com *moderação*, isto é, com a virtude da temperança, sem abuso nem exagero. As coisas agradáveis, praticadas com equilíbrio e medida, dão mais prazer ainda¹⁵.

¹⁵ Sobre a virtude da temperança, ver o livro *Autodomínio-Elogio da temperança*, Ed. Quadrante, São Paulo 2004.

Uma bela experiência

Permita-me contar-lhe uma experiência pessoal. Em alguns feriados, quando o clima e o dever o permitem, gosto de passear umas poucas horas com um ou dois amigos por um parque que se encontra em uma zona periférica de São Paulo. Tem cinco ou seis quadras de futebol, muitos quiosques com churrasqueira rústica, parquinhos para crianças, pista para *bicicross*, e uma grande extensão de bosque, sem nada mais que um riachinho e umas trilhas, onde os amantes das árvores, plantas e pássaros passamos momentos agradabilíssimos, e não deixamos de rir dos ateus, ao deliciarmo-nos perante tanta beleza criada por Deus: “Tudo por acaso!”, comentamos brincando.

Os frequentadores do parque, muito numerosos, pertencem praticamente todos à que se convencionou chamar classe “C”. Famílias simples, muitas – pais, filhos, avós, tias... –, pessoas simples, enxames de crianças se embalando nos balanços, pedalando tropegamente na minibicicleta, colocando terra e areia num baldezinho de plástico, se encarapitando em rústicas escadinhas ... Não há luxo. Não há aparelhos caros. Não há brinquedos eletrônicos de última geração...

Pois bem, os aficionados à botânica, ficamos felizes ao comprovar a alegria daquele povo, incomparavelmente superior à que se pode achar somando quase toda a população dos bairros mais “A” da cidade. É a alegria das coisas simples, das brincadeiras ingênuas, do churrasco familiar. Ficamos encantados, e pedimos a Deus que mostre a muitos hedonistas e consumistas tristes, sempre insatisfeitos, o segredo dessas risadas espontâneas e dessas alegrias singelas que talvez eles nunca tenham conhecido.

9 - A ALEGRIA E A FIDELIDADE

A beleza da fidelidade

Não sei se você conhece a história de John Henry Newman, uma das personalidades intelectuais e espirituais mais elevadas da história moderna da Inglaterra. Não vou contar a sua biografia. Só resumirei alguns trechos dela.

Antes da sua conversão ao catolicismo em 1845, era uma figura de enorme relevo na Universidade de Oxford e na Igreja da Inglaterra: como intelectual, como mestre universitário, como finíssimo teólogo, como o mais amado pregador de Oxford (era presbítero anglicano), como um dos melhores escritores do seu tempo.

Para quem conheça um pouco de história, abandonar o anglicanismo e passar para o “papismo” era, na Inglaterra daquela época, condenar-se ao ostracismo. Teve de

deixar Oxford (onde ainda era proibida a presença de católicos), largar seus meios de vida, perder a maioria dos seus amigos e cair na suspeição dos colegas e patrícios.

Foi bem acolhido entre os católicos? No começo, com grande alegria. Mas logo percebeu que não era compreendido. Suas intuições e planos para o aprofundamento e a difusão da fé católica entre os intelectuais – excelentes, e atualmente aplicados com grande eficácia – criaram suspeitas. Um a um, seus projetos cheios de zelo e sabedoria foram definhando. Também na Cúria romana havia autoridades (especialmente alguns prelados ingleses) que o olhavam com receio. Faz-me lembrar do que diziam a São Josemaria Escrivá personalidades da mesma Cúria, gente boníssima e bem-intencionada, quando ele postulava a aprovação pontifícia do Opus Dei: «É uma obra maravilhosa, mas chegou com um século de antecipação».

Tudo se esclareceu..., quando Newman já era um ancião santo e sofrido. O Papa Leão XIII alegrou-lhe o coração nomeando-o cardeal, a máxima honra que pode receber um sacerdote católico. Bento XVI elevou-o aos altares, beatificando-o no dia 19 de setembro de 2010 em Birmingham – onde passara os últimos anos de sua vida –, numa cerimônia que foi como que uma aclamação coletiva de todos os católicos, e de muitos não-católicos da Inglaterra e do mundo ao Bem-aventurado John Henry Newman.

Como é que ele encarou os longos anos de incompreensão e de aparentes fracassos, um atrás do outro? Com fé e amor, sem julgar as pessoas que desconfiavam dele. Crescendo na oração e nas virtudes. Oferecendo o sofrimento. Tornando-se um santo. Vários dos antigos amigos sugeriam-lhe abandonar a Igreja Católica e voltar ao anglicanismo. Um jornal chegou a anunciar isso como fato consumado. O santo homem reagiu, e publicou um escrito admirável, em que – entre outras coisas – diz:

«Minha fé na Igreja católica não foi abalada nem por um só instante desde que fui recebido em seu seio. Sustento e sempre sustentei que o Soberano Pontífice [o Papa] é o centro da Unidade e o Vigário de Cristo; sempre tive e continuo tendo uma fé sem restrições em todos os artigos do seu *Credo*, uma suprema satisfação em seu culto, em sua disciplina, em seu ensinamento, e um ardente desejo, uma esperança contra toda a esperança de que os numerosos amigos que deixei no protestantismo virão um dia partilhar da minha felicidade (...). Retornar à Igreja da Inglaterra? Nunca! “A rede foi rompida e nós estamos livres”. Eu seria completamente louco (para usar um termo moderado) se, em minha velhice, deixasse a “terra onde correm leite e mel” e a trocasse pela cidade da confusão e a casa da escravidão»¹⁶.

A alegria que nasce da fidelidade

¹⁶ f. Cf. Paul Thureau-Dangin, *Newman católico - A fidelidade na provação*, Cultor de Livros, São Paulo 2014, pp. 58-59

Tomamos como paradigma um homem fiel à sua fé e à santa Igreja. A mesma “qualidade” deveriam ter todas as fidelidades da vida. Tanto a fidelidade de um casal a seu compromisso matrimonial, como a fidelidade de um cristão comprometido numa missão apostólica, como a fidelidade de um sacerdote ou religioso à sua vocação.

Falar de “compromisso”! Para muitos é quase um palavrão. Querem é ver-se livres de qualquer amarra, como folha à mercê de todos os ventos. Nada prometem a sério. Nada assumem a sério. O mundo parece estar cada vez mais infeccionado pela doença do provisório, do “descartável”, como diz o Papa Francisco.

No entanto, só a fidelidade que aprende a atravessar e superar (não apenas aguentar) as provações, nos torna grandes, realizados e felizes. Quem descarta a fidelidade como uma opressão da liberdade, vai morrer como aquele homem do Evangelho, que provocou as risadas do povo, porque *principiou a edificar e não pôde terminar* (Lc 14, 30). Será um frustrado que se jogou aos sopros variáveis da liberdade mal entendida e acabou caindo no nada.

Naturalmente, para poder saborear a alegria da fidelidade é preciso ter um ideal, um sentido para a vida, forte o bastante para não ceder aos desejos momentâneos: um ideal que nos dê a energia para enfrentar, lutar, superar o que nos custa e o que nos tenta; que nos impeça de limitar-nos a reagir mal, reclamar e fugir.

Dois doenças mortais da fidelidade

• A fidelidade condicionada

É a da pessoa que, no seus compromissos “vitais” (os que definem o sentido da vida), não sabe dizer um “sim” pleno, como o “faça-se” de Nossa Senhora (cf. Lc 1, 38).

Essas pessoas têm o “sim” poluído pelo “se”, pelo condicional: “Serei fiel, se não ficar difícil continuar, se não for “chato”, se não me cansar de viver com a mesma pessoa ou de fazer as mesmas coisas...”.

A incapacidade de se decidir a assumir compromissos com fé e fortaleza explica a inconsistência de muitas vidas atuais. Para os egoístas, para os que não querem saber da grandeza do amor, a palavra “assumir” é substituída pela palavra “experimentar”: “Vou experimentar, vou ver se gosto, vou ver se não me canso, vou ver se dá... Se não der, largo tudo”.

No livro *O senhor dos Anéis*, Tolkien coloca na boca de um dos personagens uma frase que deveríamos meditar: «Desleal é aquele que se despede quando o caminho escurece».

Quando escurece, quando as coisas se tornam difíceis, ou as circunstâncias ou as pessoas nos desnorream, em suma, quando surge uma crise, é então a hora em que Deus nos dá a oportunidade e a graça para “superar” aquilo e “superar-nos” a nós mesmos.

Toda crise pode ser uma crise de crescimento (como a da adolescência), ou uma crise terminal (como a do paciente desenganado). O mal consiste em que quase todos encaram como terminais crises que, aos olhos de Deus, deveriam ser de crescimento. Deveriam ser uma fase decisiva da vida, em que aprendêssemos a despojar-nos da imaturidade, das banalidades, da frivolidade..., trocando esse entulho por virtudes que não tínhamos e agora podemos adquirir: desprendimento, humildade, fortaleza, prudência, caridade... As crises são porta aberta para um amor maior, temperado na provação.

Quem não tentou lutar assim não conhece a felicidade de ser fiel. São Paulo experimentou-a de tal modo que, estando preso e a ponto de ser martirizado, escreveu na cadeia o que eu chamaria “o epitáfio feliz de uma vida realizada”: *Chegou o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei a corrida, fui fiel* (2 Tm 4, 6-7).

Se a dificuldade, e concretamente o sacrifício que toda fidelidade exige, nos fazem vacilar, estamos à beira de enveredar pelo que Rafael Cifuentes chama “vocação de viralata”¹⁷, que é uma opção de vida extremamente perigosa.

• **A fidelidade de manutenção**

É a fidelidade da pessoa que não abandona o barco, mas se limita a “ir tocando” a vida com rotina morna, apagada.

Alguns parecem fiéis por pura inércia. O marido e a mulher continuam juntos no lar, mas sem renovação de sentimentos e atitudes, sem diálogo fecundo e sem novas iniciativas. A alegria da vida familiar soa, para eles, a sonho ingênuo de lua de mel. Que diriam se ouvissem São Josemaria dizer-lhes, como repetia a casais de qualquer idade: «Vocês devem tratar-se como se sempre fossem noivos»?

«Não esqueçam –dizia-lhes – que o segredo da felicidade conjugal está no cotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria escondida de chegarem ao lar; no relacionamento afetuoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que toda a família colabora; no bom humor perante as dificuldades, que é preciso enfrentar com espírito esportivo»¹⁸.

¹⁷ *A constância*, Ed. Quadrante, São Paulo 1989, p. 28

¹⁸ *Questões atuais do Cristianismo*, 3ª ed. Quadrante, São Paulo 1986, n. 91

Coisas análogas deveriam dizer-se sobre a fidelidade de leigos, sacerdotes e religiosos à vocação e à missão divina com a qual se comprometeram.

A fidelidade de manutenção é, para os mornos, um mero vegetar acomodado. Esqueceram-se da palavra “mais” e da palavra “além”. Como dizia Ernest Hello, «se não existisse a palavra exagero, o homem medíocre a inventaria»¹⁹.

Como evitar essas duas doenças da fidelidade? Entre outras coisas, vendo se conseguimos dar uma resposta positiva (com a cabeça, o coração e as ações) às seguintes perguntas:

— Eu tenho “metas”, ou vou só no embalo; ou seja, proponho-me frequentemente modos concretos – claros e definidos – de dar mais, de alegrar mais os outros, de ajudar mais, quebrando assim a rotina?

— Trato com Deus desse desejo de superação? Medito, rezo, leio livros de espiritualidade, procuro conselhos e experiências para sair do meu trilho monótono e renovar meus compromissos?

— Se me pedissem que escrevesse num papel os desafios de superação que atualmente me proponho para dar um salto de qualidade, ou para superar uma crise, deixaria a folha em branco? Quantas linhas poderia preencher?

Quero terminar este capítulo pedindo-lhe que medite as palavras que Cristo utiliza para abrir a porta do Céu a uma alma que foi fiel até à morte. *Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Entra na alegria do teu Senhor! (Mt 25, 21).*

10- OITO ALEGRIAS CRISTÃS

Uma estranha felicidade

A pregação de Jesus começou com um chamado à conversão (Mc 1, 15) e, pouco depois, com um vasto programa de felicidade (cf. Mt 5, 1 ss):

Bem-aventurados os pobres, os que choram..., os que padecem perseguição...

¹⁹ E. Hello, *L'homme*, Ed. Perrin, Paris 1911, p. 60

Os ouvintes devem ter ficado pasmos. Nunca ninguém tinha ligado a felicidade – a bem-aventurança –, à pobreza, às lágrimas, às perseguições... Estaria falando a sério? Ou estaria desvendando um mistério desconhecido, até então nunca imaginado?

A essa última indagação pode-se responder que sim: essa felicidade de que fala Jesus é um mistério “novo”, que quebra os esquemas e as experiências da história humana. É um mistério que só pode ser esclarecido pelo próprio Cristo, que veio a este mundo para *fazer novas todas as coisas* (Ap 21, 5).

Mais ainda. É um mistério que só pode ser captado contemplando a vida de Cristo, do começo ao fim. Nela encontraremos todas as luzes sobre essas alegrias inéditas que, em meio às dores deste mundo, desabrocham em forma de vitória sobre o mal, sobre a tristeza e sobre a morte, em felicidade eterna que já começa a ser saboreada na terra pelos que vivem “em Jesus Cristo”.

É por isso que o *Catecismo da Igreja* diz, sinteticamente: «As bem-aventuranças traçam a imagem de Cristo e descrevem o seu amor» (n. 1717).

As bem-aventuranças são a perspectiva *cristã* do amor e da felicidade. São um aparente enigma, decifrado apenas por quem é capaz de dizer, como São Josemaria: «Que eu veja com teus olhos, Cristo meu, Jesus da minha alma». Pois todas elas são fulgores do amor de Cristo e lições para o nosso amor.

Mistérios de felicidade no amor

— ***Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.***

Jesus nasceu sem nada e morreu sem nada. E ensinou-nos a alegria do amor que não fica diminuído nem cativo por causa do apego às coisas materiais, ao dinheiro, às ambições egoístas. Quando Cristo pediu ao jovem rico que vendesse tudo e, assim, ficasse livre para seguir seu caminho de amor, o rapaz não conseguiu livrar-se desses apegos, e *retirou-se triste, porque tinha muitos bens* (Mc 9,22).

Não ajunteis para vós – nos diz Jesus – tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, e os ladrões furam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está o teu coração (Mt 6, 19-21).

Felizes os que, com coração pessoalmente desprendido, desdobram-se para ajudar material e espiritualmente a pobreza dos indigentes e desvalidos da terra (1 Jo 3, 16-18).

2 — Felizes os que choram, porque serão consolados

Esta bem-aventurança fala do coração que chora porque ama, e dói-lhe ver-se a si mesmo e ver os outros afastados de Deus pelo pecado. Esse foi o motivo por que Jesus chorou à vista da cidade de Jerusalém, rebelde a seu apelo de conversão (*Lc 19, 41 ss*). São as lágrimas que voltaram a escorrer por suas faces, misturadas com gotas de sangue, quando, no Horto das Oliveiras, aceitou beber o cálice amargo dos nossos pecados para nos livrar deles expiando-os com o Sacrifício da Cruz.

As lágrimas de contrição encheram de paz e de uma alegria inédita a alma da pecadora que chorou, arrependida, aos pés de Jesus (*Lc 7, 36 ss*); foram fonte de alegria no céu e na terra quando o filho pródigo voltou à Casa do Pai (*Lc 15, 32*); e também fazem felizes agora os que alcançam o perdão de Deus numa confissão contrita.

3 — Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança

O amor de Jesus estendia-se a todos, quer o amassem quer o odiassem. Tinha infinita paciência para com os pecadores. E, nos momentos duríssimos da Paixão, como diz São Pedro, *ele, ultrajado, não retribuía com idêntico ultraje; ele, maltratado, não proferia ameaças... Carregou os nossos pecados em seu corpo para que, mortos aos nossos pecados, vivamos para a santidade (1 Pd 2, 23-24)*.

A paz com que sofria, sem ira, sem revidar nem queixar-se, deixou Pilatos boquiaberto. Nunca tinha visto tamanha bondade em meio a tanto horror (cf. *Jo 19, 8-9*).

Aprende de mim – diz-nos Jesus –, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas (Mt 11, 29).

4 — Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados

“Justiça” significa santidade, plenitude do amor a Deus e ao próximo. Jesus desejava a nossa santificação e a nossa salvação eterna mais do que a própria vida: *Eu vim trazer fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso! Um batismo (de sangue) eu devo receber, e como estou ansioso até que isso se cumpra! (Lc 12, 49-50)*.

E, porque nos quer felizes, pede-nos aspirar a um amor grande, pois só esse amor poderá saciar de gozo a nossa alma: *Sede, pois, perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5, 48). Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação... Aspirai aos dons superiores (1 Ts 4,3 e 1 Cor 12, 31)*. Isso é ter fome e sede de justiça.

A sede de “justiça” levava São Paulo a exclamar, cheio de gozo: *Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda bênção espiritual em Cristo, e nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, no amor, diante de seus olhos (Ef 1, 3-4).*

5 — Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia

Quando Jesus foi criticado pelos fariseus, porque tinha compaixão dos pecadores e se aproximava deles, respondeu-lhes: *Não são as pessoas com saúde que precisam de médico, mas as doentes. Não é a justos que vim chamar à conversão, mas a pecadores (Lc 5, 32).*

Do alto da cruz, rezava pelos seus algozes: *Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem! (Lc 23, 34).* E a todos nós pedia-nos aprender com ele a compreender, a desculpar, a perdoar e a ajudar os outros a sair do seu erro:

Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido... Se vós perdoardes aos outros as suas faltas, vosso Pai que está nos céus também vos perdoará. Mas, se vós não perdoardes aos outros, também vosso Pai não perdoará as vossas faltas (Mt 5, 12.14-15).

Uma das maiores alegrias cristãs é a alegria de perdoar.

6 — Felizes os puros no coração, porque verão a Deus

Se o teu olhar for puro, ficarás todo cheio de luz. Mas se teu olho for ruim, ficarás todo em trevas (Mt 6, 22-23).

O “olhar” é a intenção com que fazemos as coisas, é a maneira limpa de encarar as coisas da vida e as nossas relações com os outros. A pureza de coração exclui a mentira, a trapaça, o egoísmo interesseiro, a cobiça carnal... *Todo aquele que olhar para uma mulher com o desejo de possuí-la, já cometeu adultério com ela em seu coração (Mt 5, 27).*

Nada dificulta tanto ver e entender as coisas de Deus como um coração sujo. *Do coração sai tudo,* dizia Jesus (Mc 7, 21). Se o coração é puro, a alma se torna transparente, e nela Deus pode ser visto como num espelho.

Essa é a alegria que experimentava São Paulo quando escrevia aos coríntios: *A razão da nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência de que, no mundo e particularmente entre vós, temos agido com simplicidade de coração e sinceridade diante*

de Deus, não conforme o espírito de sabedoria do mundo, mas com o socorro da graça de Deus (2 Cor 1, 12).

7 — Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus

No dia em que São João Batista nasceu, seu pai, Zacarias, profetizou que aquele seu filho prepararia o caminho do Senhor, de Cristo, que viria *iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz (Lc 1, 76.79).*

Os anjos anunciaram o nascimento de Jesus com uma mensagem de paz: *Paz para os homens de boa vontade (Lc 2, 14)*; e, antes da paixão, Cristo se despediu com uma promessa de paz: *Não vos deixarei órfãos... Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz... Não se perturbe o vosso coração nem se atemorize! (Jo 14, 18.27).*

Ele, que foi “portador da paz”, declara que nós seremos felizes se procurarmos ser no mundo «semeadores de paz e de alegria» (São Josemaria), isto é, se ajudarmos os outros a acolher na alma a paz que procede da luta por viver na fé e no amor de Cristo e, por Ele, no amor aos irmãos.

8 — Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus

Jesus havia anunciado que os seus discípulos, ao longo dos séculos, sofreriam perseguição, calúnias, martírio (cf. *Mt 5, 11-12; Jo 15, 18-21*).

A história atual está sendo o cenário de uma das maiores perseguições já sofridas por cristãos: desde a perseguição procedente de leis e governos empenhados em banir os valores cristãos dos seus países, até o martírio sangrento de muitos milhares de cristãos – mais numerosos, nos últimos decênios, do que o total dos mártires da perseguição do Império romano nos três primeiros séculos –, cristãos que estão sendo agora torturados, encarcerados, exilados, degolados pelos que odeiam “o povo da Cruz”.

Jesus os chama “felizes”! Muitos mártires morreram com paz, rezando e pronunciando com amor o nome de Jesus – como os dezenove recentemente decapitados na Líbia (2015) –, perdando os seus assassinos e rezando por eles. Não só tinham a certeza da felicidade eterna no Céu, mas já possuíam a graça da fé que consegue dizer como São Paulo: *Estou crucificado com Cristo... Cristo vive em mim... Vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gl 2, 19-20).*

Uma loucura divina

Você se deteve um pouco a meditar no que estamos comentando? Estivemos tratando de um modo muito breve essa página capital da mensagem de Jesus²⁰. Mas, se quiser ser feliz de verdade, peça ao Espírito Santo que o ajude a aprofundar nessa loucura divina, *mais sábia do que os homens* (1 Cor 1, 25).

Deixe-me insistir. As bem-aventuranças são um segredo maravilhoso, mas só podem ser compreendidas olhando para o amor de Jesus e contemplando-as encarnadas em sua vida.

Mais ainda. Somente quando nos decidimos a viver na intimidade de Deus – numa vida de Sacramentos, de fé e de oração – é que começamos a saboreá-las. Descobrimos então a alegria nova de viver:

- sob o olhar de Deus Pai
- em união com Jesus Cristo
- e movidos pela graça do Espírito Santo.

Tentaremos aprofundar nessas três alegrias nos próximos capítulos.

11 - A ALEGRIA DE SER FILHO DE DEUS

Um velho que sempre foi jovem

O apóstolo são João, quando já era muito velho – à volta dos noventa anos –, dizia como quem não consegue sair do seu assombro:

- *Caríssimos, desde já somos filhos de Deus!* (1 Jo 3, 2).

Sentia-se emocionado – com o ardor de um jovem – ao anunciar aos seus discípulos o que Cristo fez por nós: *Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1, 12).

Como impressiona perceber que esse apóstolo, que começou a seguir Cristo sendo um adolescente, passados tantos e tantos anos, ainda estremecia de alegria ao escrever: *Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus. E nós o somos de verdade!* (1 Jo 3, 1).

²⁰ Um excelente comentário às bem-aventuranças é o livro de Georges Chevrot *O Sermão da Montanha*, Ed. Quadrante, São Paulo, 2ª edição

É a mesma alegria, cheia de vibração, que experimentava São Paulo ao pensar no mistério da nossa filiação divina. Basta ler dois trechos das suas cartas:

— *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher...para que recebêssemos a adoção de filhos. E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abá, pai!” (Gl 4, 4-6). “Abá” era a palavra carinhosa que os filhos – sobretudo as crianças – usavam para chamar o pai; palavra tão familiar que jamais um judeu se atreveria a usá-la para invocar a Deus.*

— *Não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos pelo qual clamamos: Abá, Pai! ... E, se somos filhos, também, somos herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rm 8,15.17).*

Se compreendêssemos essa realidade, nunca mais ficaríamos tristes.

Uma luz inesquecível

Quando os santos “descobriram” essa verdade, tiveram uma sensação parecida com a de uma pessoa que se julgasse órfã e, de repente, descobrisse que tem um pai e uma mãe amorosos, dos quais foram arrancados criminosamente na infância, mas que andaram sempre à sua procura, ansiosos por achar o filho perdido, dispostos a dar a vida e mil vidas que tivessem para poder abraçá-lo e derramar nele todos os tesouros de amor que, nos anos de dura separação, não lhe puderam dar.

Pois bem. Isso não é telenovela. É o que Deus fez por nós, pecadores, enviando seu Filho para ser o nosso Salvador, e enviando o Espírito Santo para que nos dê a graça da adoção de filhos, da identificação com Jesus Cristo, *primogênito entre muitos irmãos (Rm 8, 29)*.

Consideremos, como uma ilustração disso, o exemplo de um santo, que viveu como poucos o sentido da filiação divina. Refiro-me a São Josemaria Escrivá.

— Um primeiro momento

Criado num lar cristão, educado em escola de padres, desde criancinha rezava com devoção, juntamente com a mãe, a oração que Jesus nos ensinou: o Pai-nosso.

Como ele conta, «não poucas vezes tinha por costume não utilizar nenhum livro para a meditação. Recitava, degustando-as uma a uma, as palavras do Pai-nosso, e detinha-me – saboreando – na consideração de que Deus era Pai, meu Pai, de que me

devia sentir irmão de Jesus Cristo e irmão de todos os homens. Não saía do meu assombro, contemplando que era filho de Deus!»²¹

Foi este um primeiro passo, um passo que todo cristão deveria dar.

Mas esse passo não era o “fim da linha”. Porque, se perseverarmos numa vida de carinho filial com Deus, o Espírito Santo irá acendendo na nossa alma novas luzes e alegrias, mediante os dons de entendimento e de sabedoria.

São Josemaria foi favorecido por Deus com uma efusão extraordinária desses dons, que o habilitaram a ser – como o Senhor queria – um grande pregoeiro do sentido da filiação divina entre os cristãos.

— *O segundo momento*

Veza ou outra ele confidenciou uma intervenção extraordinária do Espírito Santo na sua alma. Foi no dia 16 de outubro de 1931. Já tinha recebido de Deus, em 2 de outubro de 1928, luzes do Céu para fundar o Opus Dei. Nessa outra data de 1931, contava apenas 29 anos.

— Naquele dia 16 anotou à noite, no seu caderno de apontamentos íntimos, umas poucas palavras: «Dia de Santa Edwiges de 1931. Quis fazer oração, depois da Missa, na quietude da minha igreja. Não o consegui. Em Atocha [Madrid], comprei um jornal (o ABC) e tomei o bonde. Até este momento em que escrevo isto, não pude ler mais que um parágrafo do jornal. Senti afluir a oração de afetos, copiosa e ardente. Assim estive no bonde, e até a minha casa»²². O enlevo que ainda o dominava não lhe permitiu escrever mais.

Depois evocaria o fato com mais detalhe: «Senti a ação do Senhor, que fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: *Abba! Pater! — Abá! Pai!* Estava na rua, num bonde... Provavelmente fiz aquela oração em voz alta. E andei pelas ruas de Madri talvez uma hora, talvez duas, não sei dizer, o tempo passou sem eu o sentir. Devem ter me tomado por doido. Estive contemplando com luzes que não eram minhas essa verdade assombrosa, que ficou acesa como uma brasa na minha alma, para nunca mais se apagar»²³.

“Como filhos muito amados”

²¹ A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, p. 369

²² A. Vázquez de Prada, op. cit., vol. I, pp. 355-356, em 2 de outubro de 1928,6

²³ *Ibidem*, p. 356

Já citávamos em páginas anteriores as seguintes palavras de São Paulo: *Sede imitadores de Deus como filhos muito amados, e progredi no amor (Ef 5, 1-2)*.

Este é o programa da vida dos filhos de Deus.

— **Primeiro**. Tomar consciência de que Deus é mesmo nosso Pai e nos ama «mais do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos» (*Caminho*, n. 267). *Tanto amou Deus o mundo* – lemos no fim da conversa de Jesus com Nicodemos –, *que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3,16)*.

É o que São João resume em três palavras: *Deus é amor (1 Jo 4, 8)*.

São Gregório de Nissa afirmava que «é necessário contemplar sem cessar a beleza do Pai e com ela impregnar a nossa alma» (em *Catecismo*, n. 2784).

Outro homem de Deus, o abade João Cassiano, comentava que só o fato de olhar para a paternidade Deus «é um grande fogo de amor; a alma nele se dissolve e se abisma no santo afeto, e se entretém com Deus como com seu próprio Pai, bem familiarmente, com ternura de piedade toda particular» (*Ibidem*, n. 2785).

Diante disso, é lógico que São Cipriano, o bispo mártir de Cartago, escrevesse: «Quando chamamos a Deus de *nosso Pai*, precisamos lembrar-nos de que devemos comportar-nos como filhos de Deus» (*Ibidem*, n. 2784).

Segundo. Comportar-nos como filhos de Deus.

Consiste em corresponder com amor ao Deus-Amor.

Você conhece provavelmente a encíclica de Bento XVI *Deus caritas est* (“Deus é amor”)? Vale a pena que a leia ou releia de novo. Vou transcrever a seguir um extrato “telegráfico” (porém literal) de alguns trechos: «O mandamento do amor [o primeiro mandamento: “amar a Deus sobre todas as coisas”] só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser “mandado”, porque, antes, nos é dado». Bento XVI está glosando palavras da primeira carta de São João: *Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou primeiro e enviou seu Filho como oferenda de expiação pelos nossos pecados (! Jo 4, 10)*.

«Na história de amor que a Bíblia nos narra – continua a encíclica –, ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos..., incessantemente vem ao nosso encontro... Ele continua a ser o primeiro a amar-nos..., e dessa “antecipação” de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor».

A seguir, mostra uma característica essencial que deve ter o amor: « Querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar. A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no fato de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade... Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria» (cf. *Sl* 73, 23-28).

Terceiro. Tirar consequências dessa “união de vontades”, medula e essência do verdadeiro amor. Por exemplo:

— Fé na Providência, aconteça o que acontecer. *Vosso Pai vê, vosso Pai sabe. Não vos inquieteis. Não vos preocupeis, pequeno rebanho*. Porque o Pai *faz concorrer todas as coisas para o bem daqueles que o amam* (mesmo as que nos parecem mais incompreensíveis): cf. *Lc* 12, 22 ss. e *Mt* 6, 25 ss; e *Rm* 8, 28.

— Confiança filial na oração: *Ora a teu Pai que vê em segredo* (*Mt* 6, 6), que está presente ao mais íntimo de ti. Esse Pai, *se um filho lhe pedir um pão, não lhe dará uma pedra* (*Lc* 11, 11).

— Viver na presença de Deus. Todos nós, se tivéssemos fé, poderíamos dizer, como Jesus: *O Pai ... está comigo, e não me deixa só* (*Jo* 8, 29). Com quanta razão dizia São Josemaria: «É preciso convencer-se de que Deus está junto de nós continuamente. – Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. – E está como um Pai amoroso – quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos –, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando e perdoadando (*Caminho*, n. 267).

— Sentir e viver entre nós a fraternidade dos filhos de Deus, dos irmãos, *membros da família de Deus* (*Ef* 2, 19), que participam do mesmo amor do Pai: *Se Deus nos amou assim, nós também devemos amar-nos uns aos outros* (*1 Jo* 4, 11). Por sermos filhos e termos recebido o Espírito Santo – o Amor divino em pessoa – «estamos em condições de esbanjar carinho a mãos cheias entre os que nos rodeiam, porque nascemos para a fé pelo amor do Pai. Peçamos ousadamente ao Senhor este tesouro, esta virtude sobrenatural da caridade, para levá-la à prática até ao seu último detalhe» (*Amigos de Deus*, n. 229).

Se procurarmos fazer assim, se nos esmerarmos em imitar o amor filial de Cristo em relação a Deus Pai, poderão dizer de nós o que dizia de São Josemaria um bispo que o

conheceu muito bem: «Tinha uma alegria constante, radicada – notava-se claramente – na profunda consciência da filiação divina. Nunca o vi triste nem abatido... Tudo avaliava sobrenaturalmente e de um modo otimista e positivo»²⁴.

12 - A ALEGRIA DA INFÂNCIA ESPIRITUAL

Uma notícia de grande alegria

Na noite do nascimento de Cristo, o Anjo enviado por Deus disse aos pastores: *Não tenhais medo! Eu vos anuncio uma grande alegria...: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor.*

Ao mesmo tempo, indicou-lhes “como era” que o Filho de Deus vinha ao mundo para nos salvar: *Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido, envolto em faixas e deitado numa manjedoura (Lc 2, 10-12).* Uma criança, o mais pequeno dos homens, vem curar-nos desde que nasce do mal radical do orgulho, da soberba que é o princípio de todo pecado (Eclo 10, 15).

O que nos salva não é o poder e a força de Deus, mas o seu amor, que vem até nós desvalido, sem outra riqueza e autoridade que a da sua doação.

Eu sou o caminho, diz-nos Cristo (Jo 14, 6). Contemplemos o menino de Belém e então entenderemos por que Jesus fala da necessidade de nos fazermos “crianças”, de seguir um caminho espiritual de infância, se quisermos fazer parte do seu Reino. *Em verdade vos digo, se não vos converterdes e vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus (Mt 18, 3).*

É possível que você – se conhece o Evangelho – se lembre de que, pelo menos três vezes, Jesus teve de corrigir as ambições de poder e glória dos seus discípulos (Mt 20, 21; Mc 9, 34; Lc 22, 24). O remédio para essa pretensão foi colocar-lhes como modelo um dos meninos que brincavam na casa de Simão em Cafarnaum. *Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele (cf. Mc 9, 36 e 10, 15).*

Crianças diante de Deus

Quem se fizer humilde como este menino, esse será o maior no Reino dos Céus (Mt 18, 4).

²⁴ D. José López Ortiz, *Testimonios sobre el Fundador del Opus Dei*, n. 6, p. 64

Jesus ensina a necessidade essencial da humildade. Não da falsa humildade do adulto frustrado, amargo, que se autorrebaixa e se sente fracassado. Ele pede-nos a simplicidade do menino: ele sabe que é “pequeno”, pode até ser o menor de todos, mas isso não o lhe tira o riso: nem o humilha nem o impede de ser feliz.

A infância espiritual foi, para alguns santos, o cume daquele espírito de *filiação divina* de que falávamos no capítulo anterior. Consideravam com alegria que «diante de Deus, que é Eterno, tu és uma criança menor do que, diante de ti, um garotinho de dois anos» (*Caminho*, n. 860). Isso dava-lhes consolo e conforto.

Santa Teresinha fez da infância espiritual o “caminhozinho” que a elevou às alturas da santidade. E difundiu pelo mundo inteiro essa atitude íntima de humilde confiança, a “pequena via”²⁵, que tem alimentado a vida espiritual e tornado felizes a muitos milhares de almas. Outros santos – como São Josemaria Escrivá –, receberam também de Deus graças especiais para avançar por essa via e ensiná-la aos demais.

Veja alguns traços principais do espírito de infância.

- ***É uma limitação cheia de esperança***

A criança sabe, mesmo que nem pense nisso, que é constitutivamente limitada e dependente. Mas essa limitação, para ela, não é uma deficiência, como o seria para um adulto aleijado ou um velho incapaz. Estes últimos podem ficar tristes por isso, a criança, nunca.

Conhece o conto de Oscar Wilde sobre o anão apaixonado? Era um dos servidores do palácio do rei, e se enamorou da princesa. Nunca se tinha visto a si mesmo. Quando um dia, por acaso, contemplou a sua figura refletida num espelho, horrorizou-se e seu coração se partiu.

As limitações da criança não são assim. São apenas uma natural “imperfeição” (ainda-não perfeição) cheia de esperança, pois diante dela se abre toda a estrada da vida, rica de mil possibilidades. A vida para ela é um livro em branco: sobre as suas páginas ainda por preencher tudo se pode sonhar.

Além disso, a criança tem a certeza de que, junto dos pais, caminhará aconchegada por um amor solícito: que a alimenta, cuida, cura, carrega; mesmo as correções e castigos, para ela, serão amor, uma ajuda para que cresça melhor.

Pois bem, Deus age assim conosco, se nos vê simples e humildes.

²⁵ Cf. Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas*, Ed. Paulus, São Paulo.

O orgulho torna muitos adultos autossuficientes (“não preciso de ninguém, eu me viro; não me faz falta orientação espiritual, nem formação cristã nem o aprendizado das virtudes, nem que me corrijam...”). Então, o fracasso é garantido, porque *Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes (1 Pd 5, 5)*.

Já pensou numa criança dizendo: “Eu não preciso de ninguém” ou “Eu sou um fracassado”. Só de imaginá-lo nos faz rir.

Então, por que não fazemos caso de Nosso Senhor e reconhecemos, humildes e esperançados, que precisamos de aprender, de ser orientados por quem tem condições de ajudar-nos; e de lutar tentando uma e outra vez ser melhores, bem agarrados à mão do pai da e da mãe – de Deus, de Nossa Senhora –, como crianças?

• ***É uma pequenez rodeada de amor***

Acabamos de mencioná-lo. A criança, num ambiente familiar sadio, desenvolve-se num clima de solicitude e carinho. Sente-se segura, mesmo que se machuque, mesmo que berre e se rebele, mesmo que esperneie e queira bater na mãe. Nós, que sabemos como são as crianças, dizemos: “Não tem importância. São criancices”. Ela continuará a ser muito amada, e cuidada, e limpada, e defendida, e acariciada, mesmo que às vezes tenha que levar uns tapinhas nos fundilhos.

Você não percebe que isso é o que Deus, nosso Pai, faz conosco e também a nossa Mãe Santa Maria? Contanto – é claro – que desçamos do pedestal do nosso orgulho.

É bom meditar, a respeito disso, umas considerações de São Josemaria, baseadas na experiência de sua própria vida interior:

— « Sendo crianças, não tereis mágoas; as crianças esquecem depressa os desgostos para voltarem aos seus divertimentos habituais. - Por isso, com esse “abandono”, não tereis que vos preocupar, pois descansareis no Pai». (*Caminho*, n. 864).

— «Na vida interior – na vida espiritual –, a todos nos convém ser como esses pequeninos que parecem de borracha, que até se divertem com os seus tombos, porque logo se põem de pé e continuam com as suas correrias; e porque também não lhes falta - quando necessário - o consolo de seus pais» (*Amigos de Deus*, 146).

— « O trabalho esgota o teu corpo, e não podes fazer oração. - Estás sempre na presença de teu Pai. Se não falas com Ele, olha-O de vez em quando, como uma criancinha... e Ele te sorrirá (*Caminho*, n. 895).

• ***É uma pequenez poderosa***

Nos anos em que se falava muito do “poder jovem”, Carlos Drummond de Andrade publicou uma série de crônicas deliciosas com o título de *O poder ultrajovem*. Giram à volta do “poder” dos bebês, que têm a casa inteira – pais, avós, irmãos, tias... – dependentes deles, dedicados a eles, sob o “domínio” deles. É o que Machado de Assis chamava “a soberania da criança”.

Também nós, se formos *humildes como crianças* (Mt 18, 4), ganharemos um “poder ultrajovem”. Veja mais umas meditações de São Josemaria:

— «Ser pequeno. As grandes audácias são sempre das crianças. - Quem pede... a lua? - Quem não repara nos perigos, ao tratar de conseguir o seu desejo?» (*Caminho*, n. 857).

— «Perseverar [na oração]. - Uma criança que bate a uma porta, bate uma e duas vezes, e muitas vezes..., com força e demoradamente, sem se envergonhar! E quem vai abrir, ofendido, é desarmado pela simplicidade da criaturinha inoportuna... - Assim tu com Deus» (*Caminho*, n. 893).

— E Santa Teresinha: «Eu não me posso apoiar sobre nenhuma das minhas obras para ter confiança. Mas sinto uma paz tão grande por ser absolutamente pobre, por não poder contar com nada fora dele, fora de Deus».

• ***É uma confiança que não pode morrer***

Deus, pela boca do profeta Isaías, diz: *Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? Mesmo que ela se esquecesse, eu não te esqueceria nunca... Como uma criança que a mãe consola, assim eu vos consolarei... (Is 49, 15 e 66, 13).*

Não vê? Aconteça o que acontecer na vida, mesmo que sejamos o mais miserável dos filhos pródigos, Deus nos estenderá a mão e Nossa Senhora também (ia dizer que nos estenderá as duas mãos)..., a não ser que os rejeitemos.

Assim, feliz, vivia São Paulo: *Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele, que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará tudo com ele? (Rm 8, 31-32).*

Assim vivia Santa Teresinha que, mesmo nas horas mais duras, dizia que seu caminho era «o da confiança total, o abandono de uma criança que adormece sem medo nos braços do pai. Se a noite mete medo à criancinha e se queixa de que não está vendo o

pai que a carrega, o que deve fazer é fechar os olhos e confiar: é o único sacrifício que Deus lhe pede».

Também São Josemaria aconselhava a rezar assim: «Senhor, que pouco valho! ... Quantos erros! ... Ainda bem, Senhor, que me tens sustentado com a tua mão... Não me largues, não me deixes; trata-me sempre como a um menino. Que eu seja forte, valente, íntegro. Mas ajuda-me como a uma criatura inexperiente. Leva-me pela tua mão, Senhor, e faz com que a tua Mãe esteja sempre a meu lado e me proteja» (*É Cristo que passa*, n. 15).

E, por fim, a mais santa e feliz de todas as criaturas, Maria Santíssima, na casa de Isabel louvava a Deus dizendo: *A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador! Porque olhou para a pequenez da sua serva!* (Lc 1, 47-48). Não diz que olhou para a grandeza dos seus méritos, nos quais ela nem pensava, mas para a sua pequenez, para a sua humildade.

13- “JESUS, ALEGRIA DOS HOMENS”

Como é o Cristo que nós vemos?

Provavelmente você já se deliciou alguma vez escutando a cantata 147 de Bach, *Jesus, alegria dos homens*. É belíssima, na sua simplicidade, e resume o que vamos meditar neste capítulo. Lembra-se dos dois primeiros versos? Traduzidos, dizem: «Jesus continua sendo a minha alegria, / o conforto e a seiva do meu coração?»

Todo cristão deveria poder repetir sinceramente essas palavras. Se você não o consegue, talvez lhe convenha meditar nesta consideração: «Esse Cristo que tu vês não é Jesus. – Será, quando muito, a triste imagem que podem formar teus olhos turvos... » (*Caminho*, n. 212).

Os que têm uma imagem vaga ou distorcida de Jesus, ignoram que ele é “a alegria dos homens”. Os que o conhecem pela fé e o amor mantêm a vida inteira, junto dele, uma alegria que não pode morrer. Assim era a alegria dos apóstolos.

“O que nós vimos...”

— São João, que era um adolescente quando começou a seguir Jesus, passado muito tempo, sendo já um ancião de mais de noventa anos, ardia em desejos de partilhar a sua alegria com muitos: *O que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da vida* [Jesus, o Verbo feito carne], *isso*

que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que vós tenhais comunhão conosco. Nós vos escrevemos estas coisas para que a vossa alegria seja completa (cf. 1 Jo 1, 1-4).

— Em plena perseguição contra os cristãos, São Pedro escreveu aos fiéis da Ásia Menor, *afligidos por diversas provações*, umas linhas de encorajamento. Dava graças a Deus pela fé em Jesus Cristo que eles tinham, uma *fé mais preciosa que o ouro provado ao fogo*, que enchia de esperança suas vidas: *Este Jesus vós o amais, sem o terdes visto; credes nele, sem o verdes ainda, e isto é para vós a fonte de uma alegria inefável e gloriosa (cf. 1 Pd 1, 3- 8).*

— E São Paulo, o perseguidor “conquistado” pelo Senhor às portas de Damasco (cf. At 9, 4-6) dizia, na plenitude do seu gozo: *Para mim, o viver é Cristo... Pelo conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor, tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo (Fl 1, 21 e 3, 7-8).*

Onde está Jesus?

Quando Cristo é “encontrado” – hoje como há dois mil anos –, ele se torna a fonte da máxima alegria. Digo “encontrado”, mas não sei se isto já aconteceu conosco.

Olhe que podemos ser como os discípulos de Emaús que, enquanto Jesus ressuscitado caminhava conversando com os dois, e depois comia à mesa na casa deles, *tinham os olhos como que vendados, incapazes de reconhecê-lo (Lc 24, 16)*. Quando enfim Jesus se manifestou na “fração do pão”, *seus olhos se abriram e o reconheceram. Então um disse ao outro: “Não é verdade que o nosso coração estava ardendo dentro de nós quando ele nos falava pelo caminho? (Lc 24, 31-32)*. Imediatamente voltaram a toda pressa para Jerusalém, ansiosos por transmitir a sua felicidade – Jesus vive! – aos demais.

Sim. «Cristo vive! – exclama São Josemaria numa homilia de Páscoa –. Esta é a grande verdade que enche de conteúdo a nossa fé» (*É Cristo que passa*, n. 102). Vive e está muito mais perto de nós do que muitos católicos sabem ou imaginam.

Se tivéssemos os olhos da alma cheios de fé, poderíamos dizer: Cristo está na minha alma em graça; Cristo está na Eucaristia; Cristo é quem atua e nos confere a graça do Espírito Santo em todos os Sacramentos; Cristo age também, como cabeça de sua Igreja, em cada ação litúrgica; Cristo está presente nos irmãos sofredores que auxiliamos (“... a mim o fizestes”); Cristo vive na Igreja, que é o seu Corpo Místico, inseparável da Cabeça; Cristo está presente onde dois ou mais oram em seu nome...

Não é possível glosar neste capítulo essa riqueza de “presenças”. Vamos nos deter apenas nas duas primeiras que acabamos de mencionar: a presença na alma em graça e na Eucaristia.

No centro da nossa alma em graça

Jesus está no centro da nossa alma em graça. Entende o que isso significa?

Na Última Ceia, quando o Senhor se despedia – naquele clima quente de emoção e expectativa – manifestou mistérios inefáveis aos apóstolos. Entre outras coisas, garantiu-lhes que a sua morte na Cruz não o separaria deles; que, ao contrário, ficaria muito mais perto deles do que antes.

Em verdade vos digo: chorareis e lamentareis... Ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria... Eu vos verei novamente, e o vosso coração se alegrará, e ninguém poderá tirar a vossa alegria (cf. Jo 16, 20-22).

Naquela mesma noite da Quinta-feira santa, fez-lhes uma promessa que deve ter deixado os apóstolos desorientados: *Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada (Jo 14, 18.23).* Moraremos *nele*, no mais íntimo dele!

Pouco antes, havia anunciado que o Espírito Santo *permanecerá convosco e estará em vós (Jo 14, 17)*. Portanto, a Trindade inteira está presente em nós pela graça. É o mistério que a teologia chama “a habitação da Trindade na alma do justo”. «Nos nossos corações – pregava, comovido, São Josemaria – há habitualmente um Céu»²⁶.

Na Última Ceia, Jesus disse exatamente o que queria dizer. Se o amarmos, se cumprirmos seus preceitos, se guardarmos a sua palavra...ele virá à nossa alma e “morará” nela! Você entende? Virá juntamente com o Pai e o Espírito Santo – as três Pessoas são inseparáveis –, mas de fato (mistério divino!) Ele virá a nós, com aquele seu olhar de carinho, com o coração aberto, com a mão estendida ... Onde quer que nós estivermos, sempre poderemos dizer-lhe: “Creio firmemente que estás em mim, que me vês, que me ouves... Eu te adoro, eu te amo.” E acontecerá o que ele prometeu: “*O vosso coração se alegrará.*”

Peça a graça de crer firmemente, e experimentará então como é maravilhoso conviver com ele: na rua, em casa, no ônibus, na biblioteca, na oficina, na fábrica, na lanchonete, no clube, na praia ...? As últimas palavras pronunciadas por Jesus nesta terra, no dia da Ascensão, foram: *Eu estou convosco todos os dias até o fim dos séculos (Mt 28, 20)*.

Na santíssima Eucaristia

²⁶ Cf. o livro *São Josemaria Escrivá no Brasil*, 1ª edição, p. 30

Ao pensar na Eucaristia, estamos nos aproximando do cume do amor de Cristo por nós. Como a Igreja ensina, a Eucaristia é o «ápice e o centro da vida cristã».

«A santíssima Eucaristia – dizia Bento XVI – é a doação que Jesus Cristo faz de si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada homem... Jesus continua a amar-nos “até o fim”, até o dom do seu corpo e do seu sangue. Que enlevo se deve ter apoderado do coração dos discípulos à vista dos gestos e palavras do Senhor durante aquela Ceia! Que maravilha deve suscitar também no nosso coração o mistério eucarístico»²⁷.

Pense com que emoção os discípulos, depois da Ascensão do Senhor, repetiriam, tal como Cristo lhes havia mandado, o milagre da Última Ceia: *Isto é o meu Corpo, que será entregue por vós — Este é o cálice do meu sangue, derramado por vós e por muitos para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim.*

São palavras que o próprio Jesus continua a pronunciar em cada Missa por intermédio dos sacerdotes, e que realizam exatamente o que enunciam: tornam o pão no Corpo e o vinho no Sangue do Salvador, fazendo-o presente no ato supremo da sua entrega na Cruz.

Na Encíclica sobre a Eucaristia, São João Paulo II escreveu: «Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central da salvação torna-se realmente presente e realiza-se também a obra da nossa redenção” (n. 11).

A Missa – ensina ainda –, «o sacrifício eucarístico, torna presente não só o mistério da paixão e morte do Salvador, mas também o mistério da ressurreição, que dá ao sacrifício sua coroação. Por estar vivo e ressuscitado é que Cristo pode tornar-se “pão da vida”, “pão vivo”, na Eucaristia (cf. Jo 6, 35.48.51)» (n. 14).

Esta é a nossa fé: «Eis o mistério da fé». Na Eucaristia, Jesus se faz presente “com seu corpo, seu sangue, sua alma e sua divindade”; oferece-se por nós, dá-se como alimento na Comunhão, e fica permanentemente presente no Sacrário.

Estamos perante um mistério fascinante, que só aos poucos aprofundamos com a fé. Veja algumas das alegrias que nos infunde:

— O *Catecismo da Igreja*, citado por João Paulo II na encíclica mencionada, afirma: «Tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da

²⁷ Exortação Apostólica *Sacramentum caritatis*, nn. 1 e 2

eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente» (*Catecismo*, n. 1085).

Por isso, na Missa, podemos estar vivendo “realmente” junto do Presépio e adorando Jesus Menino nas celebrações do Natal; acompanhar “realmente” Jesus, ao lado de Nossa Senhora, enquanto sobe ao Calvário na liturgia da Semana Santa. Podemos alegrar-nos com a Virgem, com Madalena, com os apóstolos nas Missas do tempo da Páscoa, e unir-nos ao júbilo dos que proclamam: “ressuscitou verdadeiramente”! ...

— Na Comunhão recebemos Jesus – deixe-me repetir –, “com seu corpo, seu sangue, sua alma e sua divindade!” Quantas coisas não lhe podemos dizer! Quantos atos de adoração e de amor! Quantas ações de graças e pedidos confiantes!

Compreendo que os santos ficassem extasiados diante da Hóstia Santa e dissessem, como São João Maria Vianney, o Cura d’Ars: «Se soubéssemos como Nosso Senhor nos ama, morreríamos de felicidade. Não creio que haja corações tão duros como para não o amar, sentindo-se eles tão amados... A única felicidade que temos na terra é amar a Deus e saber que Ele nos ama»²⁸.

— Em todos os sacrários –das igrejas, das capelas, dos oratórios – está Jesus realmente presente. Não se cansa de nos esperar. Como dizia São Josemaria: «Quando te aproximares do Sacrário, pensa que Ele! ... faz vinte séculos que te espera (*Caminho*, n. 537). Basta visitá-lo com frequência (melhor, se é diariamente) e ficar junto de Sacrário cinco, dez, quinze minutos; ali podemos acompanhá-lo, adorá-lo, falar-lhe, repousar os problemas e canseiras no seu Coração.

Tomara que possamos repetir muitas vezes a saborosa experiência de São João Paulo II: «É bom demorar-se com ele e, inclinado sobre seu peito como o discípulo predileto (cf. *Jo* 13, 25), deixar-se tocar pelo amor infinito de seu coração... Como não sentir a necessidade de permanecer longamente em diálogo espiritual, adoração silenciosa, atitude de amor, diante de Cristo presente no Santíssimo Sacramento? Quantas vezes, meus queridos irmãos e irmãs, fiz esta experiência, recebendo dela força, consolação, apoio!» (*Encíclica sobre a Eucaristia*, n. 25).

As promessas de Jesus são verdadeiras. Ele as cumpre todos os dias.

14 - A ALEGRIA NO ESPÍRITO SANTO

Templos do Amor

²⁸ Marc Joulin, *Vida del Cura de Ars*, Ed. Rialp, Madrid 1987, p. 82

Quando São Paulo escreveu aos cristãos de Roma, por volta do ano 57, sabia bem que, também lá, na capital do Império, alguns recém convertidos sofriam com dúvidas acerca da obrigação ou não a abster-se de certos alimentos proibidos pelos seus antigos ritos religiosos.

São Paulo os tranquiliza e lhes diz que não precisam se preocupar, pois *o Reino de Deus não é comida e bebida, mas santidade e paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14, 17)*.

Alegria no Espírito Santo! São Paulo gostava de encher de gozo os primeiros cristãos recordando-lhes que, depois do Batismo, eram “templos de Deus, templos do Espírito Santo”. Insistia especialmente nisso ao escrever aos coríntios, porque entre eles tinham surgido diversas confusões: *Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (1 Cor 3,16)*. E ainda: *Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós? (1 Cor 6, 19)*.

Você lembra que, no capítulo anterior, falávamos de que Cristo vive em nós, no centro da alma em graça, e esclarecíamos que, onde está o Filho estão também o Pai e o Espírito Santo, a Trindade inteira. Por que, então, Paulo frisa tanto que é o Espírito Santo quem habita em nós? A resposta é simples e bela: porque, no seio da Trindade, o Espírito Santo é o Amor substancial de Deus, a “corrente divina de Amor” – como diria São Josemaria –, que vai do Pai ao Filho e do Filho ao Pai. E Paulo sabia bem que *o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5, 5)*.

A alegria da intimidade divina

Já sabemos – e é bom repeti-lo – que a alegria é a irradiação do amor. Tendo, pois, em nós o Amor divino, isso significa que o Espírito Santo nos dá a capacidade sobrenatural (para além das forças humanas) de alcançarmos alegrias divinas, incomparavelmente superiores às alegrias humanas.

A principal alegria é descobrir que podemos ter uma intimidade muito grande com o Deus-Amor que veio habitar em nós. E que – como aos Apóstolos depois de Pentecostes –, esta chama de Amor pode inflamar em nós o desejo de levar a alegria de Deus a muitos outros (cf. At 2,14 ss).

Esta fé levou Santo Agostinho a dirigir-se a Deus com estas exclamações: «Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde de amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu, fora... Estavas comigo e eu não estava contigo... Chamaste, clamaste e rompestes a minha surdez, brilhaste, resplandeceste e afugentaste a minha cegueira; exalaste perfume e respirei, e anelo por ti; provei, e tenho fome e sede; tocaste-me, e ardi por tua paz» (*Confissões 10, 27.38*).

Não sei se você conhece a Bem-aventurada Elisabete da Trindade. É uma santa carmelita que captou, com uma clarividência deslumbrante, o mistério da presença da Trindade na alma. Ela dizia: «Encontrei o meu céu na terra, pois o céu é Deus e Deus está na minha alma. No dia em que o compreendi, tudo se tornou luminoso para mim e eu gostaria de confiar este segredo, bem baixinho, àqueles que amo».

Na véspera da sua morte, a jovem Elisabete escreveu o seguinte bilhete: «Acreditar que um Ser, que se chama Amor, habite em nós a qualquer momento do dia e da noite e que nos pede que vivamos em comunhão com ele, eis o que transformou a minha vida num céu antecipado»²⁹.

A fonte e a brasa

Semanas antes da sua Paixão, Jesus comparava o Espírito Santo a uma fonte interior, aberta por Deus na alma, que não para de derramar as suas águas vivificantes: *No último e mais importante dia da festa [festa dos Tabernáculos], Jesus, de pé, exclamou: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Do seio daquele que acredita em mim, correrão rios de água viva, como diz a Escritura. Jesus disse isso falando do Espírito Santo, que haviam de receber os que acreditassem nele (Jo 7, 37-39).*

O Espírito Santo, que Jesus enviou como fruto da redenção, é a fonte viva de todas as graças. Une-nos a Deus, identifica-nos com Cristo, implanta na alma a capacidade de viver as três virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade; impregna de amor sobrenatural todas as outras virtudes (prudência, justiça, fortaleza, temperança...); infunde em nós os seus dons, inspira-nos e impele-nos a fazer a vontade de Deus, e faz amadurecer na alma os seus frutos: *caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade...* (cf. *Gl 5, 22*).

Por isso, quando, com a ajuda da graça, mergulhamos neste abismo de luz, a nossa vida muda:

— Ganhamos uma intimidade com Deus que pode crescer sem cessar. A Igreja suplica, cantando: «Vinde, Pai dos pobres, / vinde, doador das graças, / vinde, luz dos corações»³⁰.

— A alma fica inundada pela luz da fé: «Ó luz felicíssima, / enchei até o íntimo / os corações dos vossos fiéis».

²⁹ Cf. Elisabete da Trindade, *A Trindade que habita em nós*, E. Paulinas 1984, 3ª edição. São Paulo 1984, pp. 13 e 58

³⁰ Os versos citados neste parágrafo e nos seguintes são da *Sequência* litúrgica da Missa do dia de Pentecostes.

— O fogo do Espírito nos purifica; vai limpando, cauterizando as nossas misérias: «Lavai, pois o que está manchado, / ao que tem sede, dai-lhe água, / curai o que está enfermo. // Abrandai o que é duro, / aquecei o que tem frio, / guiai o que anda errado».

— Conforta nas dificuldades, tristezas e cansaços: «Ó Consolador perfeito, / doce hóspede da alma, / suave refrigério».

— Constantemente nos ensina que o amor a Deus é inseparável do amor ao próximo: da doação fraterna, da misericórdia, da compreensão, do perdão, do consolo, do auxílio nas necessidades materiais e espirituais dos outros (cf. *1 Jo* 2, 9-10; 3, 14-17; 4, 11, etc).

Por isso, quem corresponde generosamente à graça do Espírito Santo torna-se ele mesmo luz e calor para os outros.

Quando São Josemaria Escrivá esteve no Brasil, em uma das reuniões com muitas pessoas alguém lhe perguntou como viver o dever cristão do apostolado. Era a solenidade de Pentecostes, dia 2 de junho de 1974. São Josemaria respondeu:

— «Todos os cristãos temos a obrigação de levar o fogo e Cristo a outros corações... Olhe, você e eu somos pouca coisa. No fundo do meu coração vejo-me a mim mesmo como uma espécie de nada. Vamos dizê-lo com uma comparação: vejo-me a mim mesmo como um carvão que nada vale: preto, escuro, feio... Mas o carvão, metido no fogo [estava falando do fogo do Espírito Santo], se acende e se converte numa brasa: parece um rubi esplêndido. Além disso, dá calor e luz: é como uma joia reluzente. E caso se apague? Outra vez carvão! E caso se consuma? Um punhadinho de cinza, nada.

» Meu filho, você e eu temos de inflamar-nos no desejo e na realidade de levar a luz de Cristo, a alegria de Cristo, as dores e a salvação de Cristo a tantas almas de colegas, de amigos, de parentes, de conhecidos, de desconhecidos – sejam quais forem as suas opiniões em coisas da terra –, para dar a todos um abraço fraterno. Então, seremos rubi aceso, e deixaremos de ser esse nada, esse carvão pobre e miserável, para sermos voz de Deus, luz de Deus, fogo de Pentecostes!»³¹.

Quem enxergar as verdades que acabamos de meditar, entenderá que São Paulo tenha dado aos primeiros cristãos o "mandamento" da alegria: *Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos! O Senhor está perto (Fl 4, 4-5)*.

³¹ F. Faus, *São Josemaria Escrivá no Brasil*, 1ª ed., Ed. Quadrante, São Paulo 2007, p. 35

Antes citávamos uns palavras de Bento XVI: «O amor pode ser mandado, porque, antes, nos é dado» (Enc. *Deus caritas est*, n. 14). A mesma coisa podemos afirmar da alegria: ela pode ser “mandada” porque, antes, nos foi dada pelo Espírito Santo.

15 - A FELICIDADE DA ORAÇÃO

A oração, fonte de alegria

A oração é uma grande fonte de alegria. Disso vamos tratar no presente capítulo. O título está tomado de uma catequese do Santo Cura d’Ars, São João Maria Vianney:

«Deus não tem necessidade de nós: se ele nos pede que rezemos é porque deseja a nossa felicidade, e essa felicidade só pode ser encontrada na oração».

Vou transcrever a seguir trechos da pregação de três santos sobre a oração. Não escolhi nenhum dos grandes místicos – monges, religiosas contemplativas, etc. –, que têm muitas páginas admiráveis sobre as alegrias da oração, porque fiz questão de escolher três sacerdotes que, no meio do mundo, pregavam para cristãos comuns, gente da rua, homens e mulheres iguais aos que hoje frequentam as Missas de domingo nas cidades e na roça.

Pode ser que você se impressione ao ler estes três textos de pregação ao povo simples, achando que são elevados demais. Talvez lhe aconteça isso porque ainda não se convenceu de que – como a Igreja ensina – todos os batizados somos chamados à santidade, ou seja, a uma vida de muito amor e intimidade com Deus, que transborde em amor ao próximo.

Será bom, por isso, lembrar o que escrevia São João Paulo II quando entramos no terceiro milênio. Dizia que era preciso voltar a propor a todos a «medida alta» da vida cristã, com uma «pedagogia de santidade», e esclarecia: «Para essa pedagogia de santidade, há a necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração [...]. Seria errado pensar que o comum dos cristãos possa contentar-se com uma oração superficial, incapaz de encher a sua vida» (Carta apostólica *No início do novo milênio*, nn. 33 e 34).

Sob esse foco meditemos, pois, os três testemunhos de que falava acima.

São João Crisóstomo

Nascido na primeira metade do século IV, foi ordenado Bispo, e veio a ser Patriarca de Constantinopla. Seu “sobrenome”, Crisóstomo (“boca de ouro”) lhe foi dado

pelo povo pelas suas extraordinárias qualidades como pregador. As suas homilias ocupam muitos volumes. De uma delas, que trata da oração, selecionei os seguintes trechos:

«O bem supremo é a oração, o colóquio com Deus, porque é relação com Ele e união com Ele. Assim como os olhos do corpo são iluminados quando veem a luz, a alma voltada para Deus é iluminada por sua luz inefável. Falo da oração que não é só uma atitude exterior, mas provém do coração; que não se limita a ocasiões ou horas determinadas, mas está dia e noite em contínua atividade...

»A oração é a luz da alma, o verdadeiro conhecimento de Deus... Pela oração, a alma se eleva aos céus e abraça o Senhor em inefáveis amplos... Exprime seus desejos e recebe dons superiores a toda a natureza visível.

»A oração, pela qual nos apresentamos em adoração diante de Deus, *traz alegria e paz ao coração*... Semelhante oração é uma riqueza que não pode ser tirada e um alimento celeste que sacia a alma. Quem a experimentou inflama-se no desejo eterno de Deus, como de um fogo devorador que abrasa o coração. Entrega-te, pois, à oração..., e adorna-a com boas obras...» (*Homilia n. 6 sobre a Oração*).

São João Maria Vianney

Este humilde pároco da pequena cidadezinha de Ars, na França, atraiu muitos milhares de almas, que acorriam de toda a parte às suas Missas, catequeses e confissões, porque era muito santo. Como dizia um descrente, que se converteu só de vê-lo uma vez: “Eu vi Deus num homem”.

Pregava muito aos seus paroquianos, na maioria lavradores daquele povoado perdido no mapa. Trabalhou até ao esgotamento – sobretudo atendendo horas intermináveis de confissões, de dia e de noite –, mas rezou ainda mais : muitas horas de oração diante do sacrário; e fez muita penitência pela conversão dos pecadores. Isso explica que um padre como ele, simples e sem muita cultura, tenha obtido frutos pastorais incríveis e seja hoje o padroeiro de todos os párocos do mundo.

Vale a pena meditar, pois, sobre algumas palavras das suas deliciosas catequeses:

«Prestai atenção, filhinhos meus; o tesouro do cristão não está na terra, está nos céus. Por isso, volte-se o nosso pensamento para onde está o nosso tesouro. É esta a linda profissão do homem: rezar e amar. Se orais e amais, aí está a felicidade do homem sobre a terra.

»A oração é toda a felicidade do homem. Quanto mais se reza, mais se quer rezar: é como um peixe que nada na superfície da água e logo se submerge até o mais profundo do mar. A alma se abisma, mergulha no amor do seu Deus.

»A oração é simplesmente união com Deus. Se alguém tem o coração puro e unido a Deus, sente uma suavidade e doçura que inebria, envolve-o numa luz maravilhosa. Nesta íntima união, Deus e a alma são como duas ceras fundidas juntas, que ninguém pode separar. Coisa linda, a união de Deus com a sua pequenina criatura; felicidade impossível de se imaginar...

» A oração nos antecipa o gozo do céu, faz descer algo do paraíso até nós. Jamais nos deixa sem doçura; e um mel que flui na alma e tudo adoça. Na oração bem feita, os sofrimentos se dissolvem como a neve ao sol...» (*Catéchisme sur la prière*, em A. Monnin, *L'Esprit du Curé d'Ars*, pp. 87-89).

São Josemaria Escrivá

A grande luz de Deus que São Josemaria recebeu em 1928 – uma luz que ficou plasmada na fundação do Opus Dei – era um apelo divino para proclamar pelos quatro cantos do mundo que Deus chama todos os batizados, seus filhos, à santidade; e para anunciar que a santidade é acessível a todos, pois os cristãos comuns podem alcançar essa meta – santificar-se e fazer apostolado em meio ao mundo – através da santificação do trabalho profissional, da vida familiar e dos demais deveres cotidianos do cristão.

Bem no começo de uma homilia que intitulou *Rumo à santidade*, da qual citaremos a seguir alguns trechos, São Josemaria dizia: «Sentimo-nos atingidos, com um forte estremecimento no coração, ao escutarmos atentamente o grito de São Paulo: *Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação* (1 Ts 4, 3). É o que hoje, uma vez mais, proponho a mim mesmo, recordando-o também a quantos me ouvem e à humanidade inteira: esta é a Vontade de Deus, que sejamos santos».

Repisando esse chamado universal à santidade, explicitava a seguir que Deus «chama cada um à santidade e a cada um pede amor; a jovens e velhos, a solteiros e casados, a sãos e enfermos, a cultos e ignorantes; trabalhem onde trabalharem, estejam onde estiverem. Só há um modo de crescer na familiaridade e na confiança com Deus: ganhar intimidade com Ele na oração, falar com Ele, manifestar-lhe – de coração a coração – o nosso afeto» (*Amigos de Deus*, nn. 294 ss.).

Apresentava assim a oração e a santidade como realidades inseparáveis. E, depois, marcava rumos:

«Começamos com orações vocais, que muitos de nós repetimos quando crianças ... Primeiro, uma jaculatória, e depois outra, e mais outra..., até que parece insuficiente esse fervor, porque as palavras se tornam pobres..., e se dá passagem à intimidade divina, num olhar para Deus sem descanso e sem cansaço. Vivemos então como cativos, como prisioneiros. Enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do nosso ofício, a alma anseia escapar-se. Vai-se rumo a Deus, como o ferro atraído pela força do ímã. Começa-se a amar Jesus de forma mais eficaz, com um doce sobressalto...

»Uma oração e uma conduta que não nos afastam das nossas atividades habituais e que, no meio dessas aspirações nobremente terrenas, nos conduzem ao Senhor. Elevando todos os afazeres a Deus, a criatura diviniza o mundo. Quantas vezes não tenho falado do mito do rei Midas, que convertia em ouro tudo o que tocava! Podemos converter tudo o que tocamos em ouro de méritos sobrenaturais, apesar dos nossos erros pessoais» (*Ibidem*, nn. 296, 308).

Após comentar diversas características da vida de oração, sublinhava que a oração deve penetrar suave e fortemente no cotidiano, de maneira que o cristão comum não separe a vida ordinária da oração (da Missa, Comunhão, leituras cristãs, meditação, *lectio divina*, Santo Rosário, etc.)³². Não são dois compartimentos separados nem separáveis:

«Quando a fé vibra na alma, descobre-se que os passos do cristão não se separam da própria vida humana corrente e habitual. E que essa santidade grande, que Deus nos reclama, se encerra aqui e agora, nas coisas pequenas de cada jornada...

» Rogo ao Senhor que nos decidamos a alimentar na alma a única ambição nobre, a única que vale a pena: caminhar ao lado de Jesus Cristo, como fizeram sua Mãe bendita e o santo Patriarca [São José], com ânsia, com abnegação, sem descuidar nada. Participaremos na felicidade da divina amizade – num recolhimento interior compatível com os nossos deveres profissionais e com os de cidadãos – e lhe agradeceremos a delicadeza e a clareza com que nos ensina a cumprir a Vontade do nosso Pai que habita nos céus» (*Ibidem*, nn. 300, 312).

Na Missa solene em que João Paulo II canonizou São Josemaria, lembrava à multidão de fiéis presentes na praça de São Pedro: «São Josemaria foi um mestre na prática da oração... Recomendava sempre: “Em primeiro lugar, oração; em segundo lugar, expiação; em terceiro lugar, muito em terceiro lugar, ação”(cf. *Caminho*, n. 82)... Este é, no fundo, o segredo da santidade e do verdadeiro sucesso dos santos» (*Homilia*, 6/10/2002).

³² Sobre a oração e as suas diversas formas, vale a pena ler os números 2558 a 2865 do *Catecismo da Igreja Católica*, edição típica vaticana (Ed. Vozes e Loyola). Pode ajudá-lo a exercitar-se praticamente nas diversas formas de oração cristã o livro de F. Faus *Para estar com Deus*, Ed. Cultor de Livros/ Cléofas.

Depois disso, talvez não esteja fora de lugar encerrar este capítulo com a célebre frase de Leon Bloy: «A única tristeza que existe é a de não ser santo».

16 – MARIA: A ALEGRIA DA HUMILDADE

O cântico de um coração enamorado

Uma das maiores alegrias do Evangelho é a que transbordou do coração de Maria quando visitou a sua prima santa Isabel. Não cabendo em seu peito, ela extravasou-a no cântico de louvor que conhecemos como o *Magnificat* (cf. Lc 1, 39-56).

Tudo aconteceu pouco depois da Anunciação. Maria tinha recebido, através do anjo Gabriel, o anúncio de que Deus a escolhera para ser a Mãe do Salvador. Com uma simplicidade encantadora, pediu esclarecimentos sobre o que não entendia, e imediatamente entregou-se a Deus com fé plena: *Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (cf. Lc 1, 26-38). Naquele mesmo instante, o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1, 14). A segunda Pessoa da Trindade assumiu a natureza humana no seio de Maria.

Gabriel, ao anunciar à Virgem que ela conceberia milagrosamente, sem intervenção de varão, quis firmá-la na certeza de que *para Deus nada é impossível*, e, como prova disso, comunicou-lhe que a sua prima Isabel, uma mulher já idosa e considerada estéril, havia *concebido um filho na sua velhice, e estava no sexto mês* (Lc 1, 36).

Para Maria, a Encarnação do Verbo foi o momento supremo da vida. Tudo a levava a se extasiar, deslumbrada com a predileção de Deus para com ela e o incrível futuro que se lhe abria. No entanto, ao saber da gravidez de Isabel, esqueceu-se de si, e foi *com pressa às montanhas da Judéia*, à cidade onde a prima morava. Sentia necessidade de lhe dar assistência até o nascimento do filho. E foi ali, na casa de Isabel, que Maria cantou a sua felicidade com o *Magnificat*.

Vale a pena meditarmos – neste capítulo e no próximo – sobre a alegria de Nossa Senhora, tal como se contempla no mistério da Visitação.

“Olhou para a sua humilde serva”

Com estas palavras Maria começa a explicar, no *Magnificat*, as razões da sua alegria: *A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para a sua humilde serva* (Lc 1, 48). Para entender melhor

essas últimas palavras, tenha em conta que também seria correto traduzir: “porque olhou para a humilde condição da sua serva”, ou “porque olhou para a pequenez da sua serva” ou “porque olhou para a sua pobre serva”.

Em todas as possíveis versões o sentido é o mesmo: a humildade de Maria. Ela considera-se uma pequena criatura que não merece que Deus a distinga especialmente. Por isso, ficou *perturbada* (Lc 1, 29) quando ouviu a saudação de Gabriel e a escolha que Deus fizera dela, chamando-a a tornar-se a Mãe de seu Filho.

Olhou para a sua humilde serva. Maria tem a surpresa de quem se sabe muito pequena diante de Deus; sabe que jamais poderia igualar-se a Deus, como o diabo sugeriu aos nossos primeiros pais: *Sereis como deuses* (Gn 3, 5)... , e como infelizmente o Inimigo continua a sugerir-nos a nós.

Em Maria, há uma realização viva do que lemos no livro dos Salmos: *Excelso é o Senhor e olha para o humilde* (Ps 138, 6). Uma alma humilde como a de Maria, que ama e adora Deus com o coração puro, atrai sobre si o olhar e as bênçãos do Senhor, que a levam a fazer e a viver coisas grandes. Deus, pelo contrário, se afastaria do coração orgulhoso e o deixaria abandonado aos seus delírios estéreis.

Deus – diz São Pedro, citando o livro dos Provérbios – *resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes* (1 Pd 5, 5). O mesmo pensamento foi inspirando pelo Espírito Santo a Maria no *Magnificat*: *Deus desconcertou o coração dos orgulhosos... e exaltou os humildes* (Lc 1, 51-52). Jesus ensinou-nos que a humildade de coração nos faz encontrar a paz e a alegria (cf. Mt 11, 29).

“A minha alma engrandece o Senhor”

Assim começa Maria o *Magnificat*. Na alma humilde, Deus se mostra grande, e “diviniza” a sua criatura, tornando-a apta a conseguir maravilhas.

Comentando o *Magnificat*, Bento XVI dizia que, «neste cântico maravilhoso reflete-se toda a alma, toda a personalidade de Maria. Podemos dizer que este seu cântico é um retrato, é um verdadeiro ícone de Maria... Ele se inicia com a palavra *magnificat*: a minha alma “engrandece” o Senhor, ou seja, “proclama grande” o Senhor. Maria deseja que Deus seja grande no mundo, seja grande na sua vida, esteja presente entre todos nós. Não teme que Deus possa ser um “concorrente” na nossa vida, que nos possa tirar algo da nossa liberdade, do nosso espaço vital, com a sua grandeza. Ela sabe que, se Deus é grande, também nós somos grandes. A nossa vida...torna-se grande no esplendor de Deus» (*Homilia*, 15/08/2005).

Na alma humilde, Deus pode agir livremente, com toda a potência do seu amor, com toda a energia vivificante do Espírito Santo. Isso é o que aconteceu com Maria, que foi *bendita entre todas as mulheres (Lc 1, 42)*, Mãe de Deus, cheia de graça e de virtudes, corredentora com Cristo e Mãe de todos os homens.

E nós? Quanta graça de Deus não fica perdida pela nossa soberba e pelo nosso “medo” de nos comprometermos com Deus. Que pena! Porque essa nossa “exaltação” orgulhosa e esse nosso “encolhimento” tacanho garantem nossa tristeza.

“Não tenhas medo, Maria”

Foi assim que o anjo tranquilizou a Virgem no dia da Anunciação: *Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo. Ela perturbou-se com estas palavras...O anjo, então, lhe disse: “Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus (Lc 1, 28-30).*

“Não tenhas medo, Maria”. Também a nós Deus nos chama pelo nome. Não somos números abstratos. Cada um de nós é único diante de Deus. A todos, de um modo ou de outro, Ele nos diz: *Eu te chamei pelo teu nome (Is 45,4) – Eu te amo com amor eterno, e por isso a ti estendi o meu favor (Jr 31, 3).*

Convençamo-nos de que, se Deus nos ama assim “pessoalmente”, Ele reserva para cada um de nós muitos dons e, além disso, confia a cada um uma missão. Se formos humildes, abrir-se-ão as comportas das bênçãos divinas, receberemos na alma a graça do Espírito Santo, e poderemos realizar coisas admiráveis, do tamanho do Amor. Por isso, o coração humilde de Maria canta com gozo: *Todas as gerações me chamarão feliz, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso, e o seu nome é Santo (Lc 1, 49).*

Está vendo? Uma alma verdadeiramente humilde não teme, não se amesquinha. Não diz “coitada de mim, não posso nada...” Isso seria uma falsa humildade. Com a graça de Deus, devemos dizer como são Paulo: *Sou o último dos apóstolos..., mas posso tudo naquele que me dá forças (cf. 1 Cor 15,9 e Fl 4, 13).*

São Josemaria, muito jovem, sem muitos conhecidos e sem meios materiais, percebeu claramente que Deus lhe pedia uma coisa grande, a fundação do Opus Dei, que devia se estender por toda a terra. Alguns padres amigos diziam-lhe que isso não daria, que seria uma loucura tentar esse empreendimento apostólico de dimensões universais.

Mas ele pôs tudo nas mãos de Deus e se lançou a essa “loucura”. Por isso Deus o abençoou. Muitos anos depois, lembrando a época em que tudo parecia impossível, dizia: «Impossível! Se tivesse pensado assim, se não tivesse tido uma plena confiança em que,

quando Deus pede alguma coisa, concede todas as graças necessárias para realizá-la, ainda hoje estaria repetindo essa palavra – impossível! – como um pobre débil mental»³³.

“Deus realizou em mim maravilhas”

Realizou em mim maravilhas aquele que é Poderoso e cujo nome é Santo (Lc 1, 49).

São palavras do *Magnificat*. Na vida dos homens e mulheres humildes, Deus opera *maravilhas*, que os orgulhosos, sozinhos (porque se isolam de Deus), não conseguem jamais realizar.

A pessoa humilde, recebe de Deus energias espirituais que a tornam capaz de vencer dificuldades antes invencíveis; a pessoa humilde recebe a graça de ver com a luz da fé coisas que antes eram totalmente obscuras; a pessoa humilde torna-se capaz – com Deus! – de ter uma paciência, um espírito de sacrifício, uma mansidão e uma compreensão que antes julgava impossíveis de alcançar; a pessoa humilde, com a graça divina, enfrenta com coragem todos os obstáculos e se atira a conquistas espirituais “impossíveis” ...

Maria, a Mãe de Deus, lembra-nos com o *Magnificat* – vale a pena frisá-lo – que Deus escolhe os que são humildes como instrumentos para realizar *coisas grandes* neste mundo. Ela foi e é – unida ao Filho, secundando Jesus –, *corredentora* da humanidade inteira.

Todos os grandes santos – a exemplo de Maria – foram humildes. Os realizadores de grandes iniciativas cristãs foram humildes. Os melhores mestres – os que não transmitiram só a ciência, mas formaram homens e mulheres, filhos de Deus – foram humildes. Os bons pais – os que não reduzem tudo a dar comida, saúde e estudo, mas ajudam os filhos a serem pessoas de valores e virtudes cristãs – são pacientes e humildes. Os apóstolos eficazes – os que caminham e avançam rumo a Deus junto com muitas outras almas – são humildes. Os que, por Cristo, vivem dedicados com desprendimento total de si mesmos aos pobres e sofredores são humildes.

«O cântico humilde e gozoso de Maria no *Magnificat* – disse são Josemaria –, lembra-nos a infinita generosidade do Senhor para com os que ... se abaixam e sinceramente se sabem nada» (*Forja*, n. 608).

17 – MARIA: A ALEGRIA DA FÉ

“Feliz a que acreditou!”

³³ Beato Álvaro del Portillo, *Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo 1994, p. 110

No dia da Visitação, assim que Nossa Senhora chegou à casa de Isabel, houve uma verdadeira explosão de alegria: *Mal Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança [o futuro São João Batista] estremeceu de alegria no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Movida por Deus, ela louvou Maria “com voz forte”, chamando-a “bendita entre todas as mulheres”; ficou comovida “por vir a mim a mãe do meu Senhor”; e manifestou que, “assim que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino pulou de alegria no meu ventre” (Lc 1, 41-44).*

A seguir, inspirada pelo Espírito Santo, proclamou uma “bem-aventurança” de Maria: *Feliz a que acreditou, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas! (Lc 1, 45).*

Se você ler devagar os Evangelhos, perceberá que a vida de Maria não foi fácil. Desde o começo, ela sabia que seu filho seria o Messias sofredor – o *Servo sofredor* – de que haviam falado os profetas (cf. *Is 53, 7-8*). Isso mesmo lhe foi lembrado pelo ancião Simeão no dia da apresentação de Jesus no Templo: *Uma espada atravessará a tua alma (Lc 2, 35)*. Ela sabia disso. Mas não sabia onde, nem quando, nem quantas vezes, nem de que modo essa espada de dor a feriria.

Por isso, é assombrosa a serenidade com que ela passou por tantas provações, sem que a sua fé ficasse abalada. Foi a sua fé no amor de Deus que a sustentou e a manteve confiante quando seu Menino nasceu no desamparo de Belém; quando teve de fugir com ele para o Egito porque Herodes queria matá-lo; quando, aos doze anos, Jesus ficou perdido no Templo e ela não sabia onde estava; quando teve notícia das conspirações tramadas para acabar com Jesus; e, enfim, quando o contemplou morrendo destroçado na Cruz.

“Avançou em peregrinação de fé”

A Igreja vê a vida de Maria, tão cheia de incidentes perturbadores, como uma “peregrinação de fé”. «A bem-aventurada Virgem – diz o Concílio Vaticano II – avançou em peregrinação de fé, e sustentou fielmente a sua união com o Filho até a Cruz... Com ânimo materno se associou ao seu sacrifício» (Const. *Lumen gentium*, n. 58).

São João Paulo II retomou a reflexão do Concílio na sua encíclica *A Mãe do Redentor*: «Ela é feliz porque acreditou; e acredita dia a dia, no meio de todas as provações e contrariedades... Dia a dia cumprem-se nela as palavras abençoadas pronunciadas por Isabel no dia da Visitação: “Feliz aquela que acreditou”» (n. 17).

Ela sempre viu os acontecimentos como se fossem novos “anjos Gabriel”, que continuavam a explicitar a mensagem da Anunciação: *Darás a luz um filho... Será chamado Filho do Altíssimo... Seu Reino não terá fim (Lc 1, 31-33).*

Acolhia essas “mensagens” com a segurança da fé, e esforçava-se por entendê-las com a ajuda da oração: *Maria guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração (Lc 2, 19).*

Daí lhe advinham luzes para corresponder às novas exigências divinas com a mesma generosidade do primeiro dia: *Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.*

Essa “tua palavra”, que na Anunciação fora verbal e explícita, continuou a interpelá-la com a linguagem silenciosa da Providência através dos fatos, por vezes de fatos terríveis. E assim, em todas as circunstâncias, sem nunca ceder à dúvida ou ao desespero, ela soube “ouvir” a voz de Deus.

Tal como nos lembram os mistérios do Rosário, algumas vezes essa voz foi gozosa (alegria dos anjos e dos pastores adorando o Menino); outras, luminosa (como quando em Caná viu Jesus realizar seu primeiro milagre, atendendo a um pedido dela); outras, dolorosa (toda a *Via Crucis* da Paixão e morte do Filho), e finalmente gloriosa, quando a Redenção realizada pelo Filho desembocou na Ressurreição, na Ascensão, na vinda do Espírito Santo e na glorificação dela mesma em corpo e alma no Céu.

Pensando nela e em nós – que tão facilmente perdemos a fé nas contrariedades –, o Papa Bento XVI, no dia da Assunção de 2006 glosava: «”Bem-aventurada aquela que acreditou”. O primeiro e fundamental ato para se tornar morada de Deus e para assim encontrar a felicidade definitiva é crer, é a fé, a fé em Deus, naquele Deus que se manifestou em Jesus Cristo ... Se Deus existe, tudo se transforma, a vida é luz, o nosso futuro é luz e temos orientação para toda a nossa vida» (*Homilia*, 15/08/2006).

“Felizes os que ouvem a Palavra de Deus”

Uma cena profundamente humana nos é contada por São Lucas no capítulo 11 do seu evangelho. Estava certa vez Jesus rodeado por uma multidão, como em tantas ocasiões, e o povo o escutava fascinado. De repente, uma mulher – sem dúvida uma boa mãe –, *levantou a voz do meio da multidão e lhe disse: “Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram”.* Aquela boa mulher seguramente pensou: “Como deve ser feliz a mãe que tem um filho assim”. Era um elogio carinhoso a Maria, que talvez nem conhecesse.

Jesus respondeu-lhe com umas palavras que nem sempre as traduções da Bíblia refletem com clareza: *Diz, melhor, felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.*

Um dos mais prestigiosos especialistas nas línguas bíblicas, o padre Ignace de la Potterie, traduziu as duas primeiras palavras dessa frase assim: “Muito bem, felizes...”, ou “É isso mesmo, felizes...”. Assim se esclarece que Jesus não quis contradizer a boa mulher, mas completou seu elogio conduzindo-o ao verdadeiro motivo de louvor. Maria, mais do que pela sua maternidade física, foi feliz por ter acolhido as palavras de Deus e as ter levado à prática. Mais uma vez o Espírito Santo, pela boca de uma mulher simples, proclamou a bem-aventurança de Maria, nosso exemplo de fé.

Esse elogio completado por Jesus move-nos a perguntar: “Eu, a quem escuto mais, a Deus ou a mim?”

Infelizmente, a nossa tendência é postergar o que Deus diz e dar ouvidos aos nossos desejos, às nossas ambições, às nossas cobiças. Custa-nos dizer: “Meu Deus, não eu, mas Tu...”. Custa-nos orar como o menino Samuel: *Fala, Senhor, que o teu servo escuta (1 Sm 3, 10)*. Maria orou assim. A voz de Deus essa era a única que desejava ouvir: *Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.*

Pobre ouvido o nosso, tão cheio de barulhos! Gritos de paixões, clamores de protesto, reclamações ansiosas, estrépitos de raiva ... Quantas vezes não é um coração ensurdecido, incapaz de escutar a voz de Deus. E assim, a nossa vida não é um diálogo com Deus, mas um monólogo conosco, com as nossas ânsias e as nossas frustrações... Será que isso nos faz felizes?

Fixemos o olhar em nossa Mãe. *Felizes os que ouvem a Palavra de Deus.* É coisa que ela nos pede, porque nos quer alegres. É como se nos dissesse: “Ouve o que Deus te diz! Procura nas palavras da Sagrada Escritura a luz que debes projetar sobre todos os teus problemas, sobre todas as tuas dúvidas, sobre todos os teus desconcertos... Olha para meu filho Jesus, porque só ele é a *luz do mundo* (Jo 8, 12), só ele *tem palavras de vida eterna* (Jo 6, 68). Nele e com ele verás tudo claro e alcançarás a paz. Faz, para isso, muita oração, reza e medita recolhendo-te com calma no silêncio, e verás como ele te *fala ao coração* (Os 2, 16)”.

«Mãe nossa – rezava São Josemaria –, tu, que trouxeste à terra Jesus, por quem nos é revelado o amor do nosso Pai-Deus, ajuda-nos a reconhecê-lo no meio das ocupações de cada dia; remove a nossa inteligência e a nossa vontade, para que saibamos escutar a voz de Deus, o impulso da graça» (*É Cristo que passa*, n. 174).

18 – MARIA E AS ALEGRIAS COTIDIANAS

Cerca de trinta anos

Quando São Lucas começa a narrar a vida pública de Cristo diz que, *ao iniciar o seu ministério Jesus tinha cerca de trinta anos (Lc 3, 23)*.

Trinta anos! Quando Jesus começou a atrair as multidões com a sua palavra e os seus sinais milagrosos, os que o haviam conhecido antes ficavam assombrados: *Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria? (Mc 6, 3). Não é ele o filho do carpinteiro? (Mt 13, 55)*.

Você percebe o que isso significa? Durante pelo menos trinta anos, a vida de Jesus teve – com exceção de uns meses de exílio no Egito – a normalidade da vida diária, ou seja, o relacionamento familiar e o trabalho próprios de um lar modesto. Vê-se que José, ao iniciar-se a vida pública, já tinha falecido, porque só é mencionado indiretamente, ao passo que a mãe é designada pelo nome, como pessoa conhecida.

Fixemos o olhar na Virgem Mãe. Passados os acontecimentos extraordinários dos primeiros dois anos depois da Anunciação (cf. *Mt 2, 1 ss; Lc, 1, 39 a 2, 52*), a vida dela entra na “rotina” da mãe de uma pequena família em Nazaré (*Mt 2, 23*). Juntamente com Jesus e José, vê transcorrer os dias com a aparente monotonia de um calendário e um relógio que não marcam eventos extraordinários (se excetuarmos apenas dois dias e pouco de agonia na procura de Jesus que, aos doze anos de idade, tinha ficado no Templo).

De onde tirava Maria as suas alegrias nessa sequência de dias quase sempre iguais, ao longo de trinta anos? Da mesma fonte de onde tirava todas as outras alegrias: do amor!

Vale a pena meditar nisto, porque é frequentíssimo que hoje as pessoas, alucinadas atrás de alegrias de fantasia, de propagandas aliciantes, do brilho de coisas extraordinárias, deixem as alegrias cotidianas perder-se pelo ralo.

A “rotina” dos dias

A rotina dos dias pode ser, para qualquer um, um balde de cinzas ou uma coleta de ouro. Depende de nós. Para Maria, cada dia era uma arrecadação do ouro fino, um tesouro de felicidade que, ao adormecer, lhe deixava o sorriso estampado nos lábios.

Não custa nada pensar nas pequenas alegrias cotidianas de Nossa Senhora: o convívio amável com Jesus e José, os cuidados carinhosos com o seu Menino, o encantamento de ver que crescia *em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos*

homens (Lc 2, 52); as conversas íntimas ao cair da tarde, o riso cristalino das brincadeiras puras; e as canções que animavam o trabalho; e a procura da água no poço, e o fabrico doméstico do pão, e o preparo de alimentos no fogão de chão, e a tarefa de fiar, tecer e costurar ... Com que carinho Maria deve ter tecido a túnica sem costura, que os soldados sortearam ao pé da cruz do filho! (Jo 19, 23-24).

A rotina dos dias era para ela, como para nós, «um tecido de pequenas insignificâncias que, conforme a intenção com que se fazem, podem formar uma tapeçaria esplêndida de heroísmo ou de baixeza, de virtudes ou de pecados» (*Caminho*, n. 826).

A “rotina” de Maria só tinha uma mira: amar. Era, por isso, uma tapeçaria de virtudes. Como dizia o cardeal Luciani, num artigo sobre os ensinamentos de Mons. Escrivá, poucos dias antes de se tornar o Papa João Paulo I, a “tragédia cotidiana” (as rusgas, brigas e discussões quase diárias de tantos lares) pode ser transformada pelo amor no “sorriso cotidiano”.

Com seu exemplo, Maria nos diz palavras semelhantes a estas: «Na simplicidade do teu trabalho habitual, nos detalhes monótonos de cada dia, tens que descobrir o segredo – para tantos escondido – da grandeza e da novidade: o Amor» (*Sulco*, n. 489)

Aprender com a Virgem as alegrias cotidianas

— O amor ao dever

Um adolescente imaturo dizia: “O dever... são todas aquelas obrigações aborrecidas que a gente detesta fazer”.

Maria nos diria exatamente o contrário: “O dever é a Vontade de Deus, que eu escuto em cada momento, é o apelo de Deus que me diz ‘eu te espero aqui’, e isso me enche de alegria”.

São Josemaria fazia sobre isso um belo comentário: «É isso o que explica a vida de Maria: o seu amor. Um amor levado até ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, feliz de estar onde Deus a quer, cumprindo com esmero a Vontade divina. Isso é o que faz com que o menor de seus gestos não seja nunca banal, mas cheio de conteúdo» (*É Cristo que passa*, n. 148).

— Alegria de caprichar no dever

O poeta francês Charles Péguy dizia: «A minha mãe [uma camponesa simples]

empalhava o vime das cadeiras com o mesmo amor e o mesmo entusiasmo com que os nossos antepassados construía as catedrais – “*du même amour e du même coeur*”».

Lembrávamos antes o capricho com que Maria teceu, de uma só peça, a túnica inconsútil de Jesus. É o exemplo de uma atitude constante nela, pois ela tudo fazia – por amor a Deus, a Jesus e a José – com o mesmo carinho e idêntico esmero, cuidando dos mínimos pormenores.

Penso que a Madre Teresa de Calcutá era como um eco do coração de Nossa Senhora, quando escrevia ao arcebispo vietnamita F. Xavier Van Thuân, assim que ele foi libertado do cárcere após 13 anos de cativeiro: «O que conta não é a quantidade das nossas ações, mas a intensidade do amor que colocamos em cada uma delas».

Dom Van Thuân, citou essas palavras no retiro que pregou ao Papa João Paulo II em março de 2000 e comentou: «Cada palavra, cada gesto, cada decisão, tem que ser o momento mais belo da nossa vida. É preciso amar... sem perder um único segundo».

— ***A alegria de contemplar***

Já imaginou a felicidade com que Maria deve ter contemplado seu filho Jesus nas palhas do presépio, adormecido em seu colo, e depois, no lar de Nazaré, enquanto engatinhava, dava passos incertos e se atirava aos seus braços protetores? E ao observá-lo se aplicando como aprendiz de José, trabalhando com arte a madeira...; e em todos os momentos.

Ela vivia de olhos e coração postos, com inefável felicidade, naquele que os profetas chamaram *o mais belo dos filhos dos homens* (Sl 45,3).

Como nos faz falta pedir-lhe: “Mãe, ensina-nos a contemplar! Porque hoje o mundo parece ter perdido essa capacidade: pouco meditamos na intimidade, no silêncio orante do coração (cf. Lc 2, 19)... Parece que perdemos a capacidade de nos concentrarmos na contemplação agradecida das coisas belas da Criação, de Jesus e dos santos, das palavras de Deus e dos dons que ele nos dá...

Até a religiosidade, para alguns, tende a manifestar-se apenas como agitação, barulho, balbúrdia ... Como precisaríamos aprender a contemplar, na paz de uma igreja, nuns dias de retiro praticado em silêncio, ou no campo, ou em casa (Mt 6, 6), as cenas da vida de Jesus (o Evangelho, a Via Sacra...); e as passagens da vida de Maria (os mistérios do Rosário), com o coração escancarado, com sede de ver, escutar, orar, dialogar, amar...

— ***A alegria do “sacrifício escondido e silencioso”***

Essa expressão de São Josemaria – «sacrifício escondido e silencioso» – define bem uma atitude fundamental da vida de Maria Santíssima.

Comentava esse santo a cena evangélica, que há pouco meditávamos, da mulher do povo que louvou a mãe de Jesus, e a resposta esclarecedora que Jesus lhe deu: *Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática (Lc 11, 27-28)*.

Essa frase – escrevia São Josemaria – «era o elogio de sua Mãe, do seu *fiat...*, que não se manifestou em ações aparatosas, mas no sacrifício escondido e silencioso de cada dia». E acrescentava que, ao refletirmos sobre isso, «compreendemos que o valor sobrenatural da nossa vida não depende de que se tornem realidade as grandes façanhas que às vezes forjamos com a imaginação, mas da aceitação fiel da vontade divina, de uma disposição generosa em face dos pequenos sacrifícios diários» (*É Cristo que passa*, n. 172)

Você poderia imaginar Nossa Senhora reclamando dos sacrifícios do trabalho diário? Das contrariedades, das renúncias, dos imprevistos, das canseiras? Ou cobrando agradecimento dos outros, retorno pelo que fazia? É claro que não. Seu sacrifício era puro. Ela bem sabia o que Jesus nos ensinou: que as alegrias mais belas crescem sobre a boa terra da mortificação, da doação praticada sem interesse, da renúncia voluntária.

Numa sociedade como a nossa, dominada pelos tentáculos do consumismo e do prazer, vai se perdendo a capacidade de saborear as pequenas alegrias cotidianas. Cada vez há menos pessoas que experimentem o que dizia Santo Agostinho: «Quando há amor, ou não se nota o sacrifício, ou o próprio sacrifício é amado». Neste mesmo sentido, São Josemaria observava: «Não reparaste que as almas mortificadas, pela sua simplicidade, até neste mundo saboreiam mais as coisas boas?» (*Sulco*, n. 982).

Maria nos ensina a maravilha das pequenas alegrias cotidianas, dessas que estão ao alcance de todos e que a nossa vida agitada torna invisíveis. Talvez já as tenhamos vivido na infância, talvez sintamos certa nostalgia das que não experimentamos, ao contemplá-las descritas nos bons romances de tempos passados ou nas lembranças que os avós nos contam... São tesouros que o ritmo frenético da vida atual e as tiranias eletrônicas querem nos roubar, e que é preciso resgatar.

A alegria de dar alegrias

Vamos terminar com um resumo simples do episódio das Bodas de Caná (*Jo 2, 1-11*).

Era um casamento rural. Muita festa e muita gente. Muitos parentes, amigos e vizinhos convidados. *A mãe de Jesus estava lá. Também Jesus e seus discípulos foram convidados.*

Avançada a celebração, Nossa Senhora sussurra ao ouvido de Jesus: *Eles não têm vinho*. Só ela, entre a multidão, tinha percebido que a família dos noivos calculara mal as bebidas, e podiam passar por um vexame. Jesus respondeu-lhe: *Mulher, que temos nós com isso? A minha hora ainda não chegou*. Ela não insiste, mas também não desanima. Conhece o filho! Por isso avisa os que serviam: *Fazei tudo o que ele vos disser*.

Pouco depois Jesus chama esses serventes: *“Enchei as talhas de água”* (eram seis recipientes de pedra, muito grandes). *Eles as encheram até a borda. Então disse: “Agora tirai e levai ao encarregado da festa”*. Assombro! O mestre-sala fica pasmado com a qualidade daquele vinho e censura o noivo: *“Todo o mundo serve primeiro o vinho bom... Tu guardaste o vinho bom até agora!”*

Este foi o primeiro milagre de Jesus, frisa o Evangelho. Não parece um pouco estranho? Nós acharíamos lógico que o primeiro milagre tivesse sido a cura de uma cegueira, a ressurreição de um morto, uma tempestade acalmada... Mas não foi assim. Por solicitação da Mãe, Jesus, Deus feito Homem, iniciou os milagres com um detalhe “doméstico”: dar alegria a uns noivos, não permitir que um erro de cálculo prejudicasse a festa de uns jovens esposos.

Penso que nessa atitude de Cristo há três ensinamentos:

— Primeiro: que as pequenas alegrias da vida simples – as alegrias íntimas e as que damos aos outros – têm muita importância aos olhos de Deus. Tomara que a tenham aos nossos olhos.

— Segundo: que Jesus quer fazer-nos compreender que as almas que, como Maria, sabem “garimpar” a alegria nos detalhes cotidianos vivem contentes, e sentem o impulso de transmitir essa alegria aos demais.

— Terceiro: que com esse milagre, Cristo quis que ficasse patente o poder de intercessão de Nossa Senhora junto de seu Filho Jesus. Porque Ele a escuta sempre.

Agora, você, leitor, medite nisso e tire as suas consequências.

19 – A ALEGRIA ETERNA

O inefável

Todas as verdadeiras alegrias da terra são pequenos reflexos da Alegria eterna, ou seja, de Deus, que é o Amor eterno.

Lembra-se da seresta *Chão de estrelas*, que Sílvio Caldas gostava de cantar? Evoca com saudades «meu barraco no morro do Salgueiro», e – muito poeticamente – diz: «A porta do barraco era sem trinco, mas a lua, furando o nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão...».

São versos bonitos e sugestivos. Porque todas as alegrias deste mundo são como esses pontinhos de luar que – no claro-escuro da fé – se filtram dentro da alma, a iluminam, e despertam em nós ânsias de uma alegria total. Um dia, se formos fiéis, o Sol divino, que empresta luz ao luar, iluminará para sempre a nossa alma com esplendor de meio-dia.

Mas agora, enquanto estamos na terra, só vemos – como diz São Paulo– *num espelho, confusamente; depois [no Céu], veremos Deus face a face* (1 Cor 13, 12).

Sim, aqui vemos só luz entre sombras e as palavras não conseguem exprimir a beleza e a grandeza de Deus. Mesmo algumas almas que receberam a graça extraordinária de pregar por uns instantes um pouco de Céu, ao quererem narrar a sua experiência não achavam palavras, todas lhes pareciam pobres, como se pretendessem mostrar o mar num copo d'água.

São Paulo teve um experiência mística indescritível: *Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado até o terceiro céu. Se foi no corpo, não sei. Se fora do corpo, também não sei; Deus o sabe. E sei que este homem... lá ouviu palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir* (2 Cor 12, 2-4).

Antes, ele mesmo já tinha falado do Céu aos coríntios, e frisava, com palavras do profeta Isaías, que o Céu é inimaginável: *É como está escrito: “Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou”* (Is 64,4), *tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam* (1 Cor 2, 9).

A grandeza e a beleza do Céu são certamente “inefáveis”, inexprimíveis com a linguagem limitada dos homens. Só a poesia consegue, às vezes, uma aproximação.

Vislumbres

Pode-se ter, por exemplo, uma aproximação do mistério do Céu (esse Céu que é Deus!) quando, num momento de contemplação admirativa da criação, ficamos embasbacados, e nos parece captar por uns instantes o toque da mão do Criador na beleza das realidades do universo. As coisas criadas, dizem os teólogos, são “vestígios de Deus”; e os seres humanos somos “imagem de Deus”(Gn 1, 27). Nas obras de Deus,

captamos fulgores da sua grandeza, do seu amor e da sua alegria, mas logo se desvanecem como o reflexo das árvores no rio.

Alguns autores espirituais comentam, fazendo uma analogia, um episódio bem conhecido das aventuras de Robinson Crusoé. Um belo dia, na praia de sua ilha deserta, Robinson viu as marcas de uns pés humanos. Foi um choque. Para ele tudo mudou, pois ficou sabendo que não estava só, “alguém” estava perto dele. Assim, os sinais de Deus no mundo nos falam de Alguém que já vive conosco, e que algum dia *veremos como ele é* (1 Jo 3, 2).

Santo Agostinho, num dos seus Sermões, exortava assim os ouvintes: «Interroga a beleza da terra, interroga a beleza do mar, interroga a beleza do ar que se dilata e difunde, interroga a beleza do céu... interroga todas essas realidades. Todas elas te respondem: “Olha-nos, somos belas”. Sua beleza é um hino de louvor. Essas belezas sujeitas à mudança, quem as fez senão o único Belo, Deus, não sujeito à mudança» (*Sermão*, n. 241).

No mesmo sentido, são João da Cruz, numa das mais altas poesias da história, o *Cântico espiritual*, encantava-se na Canção V imaginando Deus que passava pelo meio da sua criação: «Mil graças derramando...// Só com sua figura// a todos revestiu de formosura». E comentava assim esses versos : «Deus criou todas as coisas, deixando nelas um rastro de quem Ele é». Antes, no comentário à Canção IV, já havia dito: «A alma inclina-se muito ao amor de Deus, seu Amado, pela consideração das criaturas, vendo que são feitas diretamente pela mão dele ».

Também São Josemaria convidava a abrir os olhos a essa transparência de Deus no mundo: «Considera o que há de mais formoso e grande na terra..., o que apraz ao entendimento e às outras potências..., o que é recreio da carne e dos sentidos... E o mundo, e os outros mundos que brilham na noite: o Universo inteiro. E isso, mais todas as loucuras do coração satisfeitas..., nada vale, é nada e menos que nada, ao lado deste Deus meu! - teu! -, tesouro infinito, pérola preciosíssima...» (*Caminho*, n. 432).

Acima de tudo, a própria Palavra de Deus, no Apocalipse, descreve o Céu por meio de imagens poéticas, como que rasgando, com rápidos clarões, a cortina de nuvens que nos separa aqui da visão de Deus: *Vi, depois, um novo Céu e uma nova Terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido... E vi a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do Céu, de junto de Deus, bela como uma esposa que se ataviou para seu esposo.*

E ouvi uma grande voz que saía do trono e dizia: “Eis aqui o tabernáculo de Deus entre os homens! Habitará com eles, serão o eu povo e o próprio Deus estará com eles. Ele

enxugará as lágrimas dos seus olhos; não haverá mais morte nem pranto, nem gritos nem dor, porque as primeiras coisas passaram ... O que vencer possuirá estas coisas. Eu serei seu Deus e ele será meu filho... Não haverá mais noite e não precisarão de lâmpadas nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus os iluminará e eles reinarão pelos séculos dos séculos (cf. Ap 21, 1-7 e 22, 5).

A fé que ilumina a razão

Ainda que com uma pobre aproximação do mistério, o raciocínio dos teólogos, iluminado pela Revelação e o Magistério da Igreja, transmite-nos a essência do que Deus nos manifestou sobre a vida eterna no Céu.

O *Compêndio do Catecismo* sintetiza-o com estas palavras: «Por Céu se entende o estado de felicidade suprema e definitiva. Os que morrem na graça de Deus e não têm necessidade de ulterior purificação são reunidos em torno de Jesus e de Maria, dos anjos e dos santos. Formam assim a Igreja do Céu, onde veem a Deus “face a face” (1 Cor 13, 12), vivem em comunhão com a Santíssima Trindade e intercedem por nós» (n. 209).

Por sua vez, o *Catecismo da Igreja* define o Céu como «vida perfeita com a Santíssima Trindade, comunhão de vida e de amor com ela, com a Virgem Maria, os anjos e os bem-aventurados [...]. O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva [...]. Viver no Céu é “viver com Cristo” (cf. Jo 14,3). Os eleitos vivem “nele”, mas lá conservam – ou melhor, lá encontram– sua verdadeira identidade, seu próprio nome (cf. Ap 2, 17) [...] Deus só poderá ser visto tal como é quando Ele mesmo abrir o seu mistério à contemplação direta do homem e o capacitar para tanto. Esta contemplação de Deus em sua glória celeste é chamada pela Igreja “visão beatífica”» (nn. 1024-1028).

Quando Santo Tomás de Aquino pregou ao povo de Nápoles sobre o Credo, ao comentar “creio na vida eterna”, explicou com traços simples a felicidade do Céu. Faça um resumo a seguir:

— Na vida eterna o homem se une a Deus, que é o prêmio e a felicidade de todos os nossos trabalhos aqui na terra.

— Esta comunhão com Deus consiste na perfeita visão e no supremo louvor: “Haverá gozo e alegria, ação de graças e vozes de louvor” (Is 51, 3).

— Na vida eterna há a perfeita saciedade dos desejos. Nunca um bem criado sacia o desejo humano de felicidade. Somente Deus o pode saciar, e o faz excedendo infinitamente: “Serei saciado quando entrar na vossa glória” (Sl 16, 15).

— Tudo o que há de deleitável haverá aí plena e superabundantemente, porque será o deleite que provém da posse do sumo bem, de Deus.

— A vida eterna consiste também na perfeita segurança. Não haverá nem tristeza, nem trabalhos, nem temor.

— E ainda a vida eterna consistirá na sociedade alegre de todos os bem-aventurados, em que cada qual possuirá todos os bens em comunhão com os outros, e se alegrará no alheio como se fosse seu; quanto mais crescerem o gozo e a alegria de um, tanto mais aumentará o gozo de todos.

No final, Santo Tomás conclui modestamente dizendo: «Tudo o que aqui foi descrito, os justos terão no Céu e, além disso, muitos outros bens inefáveis» (*Exposição do Credo*).

Na encíclica sobre a esperança, o Papa Bento XVI descrevia o Céu com umas palavras em que a reflexão teológica se funde com a poesia: «Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria. Assim o exprime Jesus, no Evangelho de João: “Eu hei de ver-vos de novo; e o vosso coração se alegrará e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria” (16,22) (Encíclica *Spe salvi*, n. 12).

Um as palavras finais

O Céu, ao qual nos chama a nossa vocação de cristãos, não pode ser descrito – volto a dizer –, mas pode ser desejado e preparado.

São Paulo que, como já comentamos, teve uma pregustação mística do Céu, via os bens da Vida Eterna – o Amor, o abraço eterno da Trindade – como uma “meta” para a qual devemos avançar nesta terra, lutando com vigor e esperança, e acelerando o passo: *Correi de tal maneira que o consigais (1 Cor 9, 24). Não desanimamos – confidenciava –; e, mesmo que o nosso físico se vá arruinando, o nosso interior vai-se renovando de dia para dia (2 Cor 4, 16).*

Na carta aos filipenses explicitava assim esses pensamentos: *Não pretendo dizer que já alcancei a meta e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que eu também fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo (Fl 3, 12-14).*

Este programa que São Paulo se propunha, deveria ser o nosso programa. Não o esqueça. Sempre aspirando a mais amor e mais fidelidade, sempre esforçando-nos para dar mais um passo rumo a Deus, com a ajuda de Maria Santíssima e de todos os santos que já gozam eternamente da visão beatífica da divina Trindade.

Com isso, a nossa expedição à procura da alegria chega ao fim.

Acho que, se afinarmos o ouvido, escutaremos Deus que nos diz: “Vale a pena”. Vale a pena viver, lutar, amar, servir os outros e trabalhar de olhos postos nessa meta, onde acharemos a plenitude do Amor e, com ele, o esplendor das “verdadeiras alegrias”.
